

The Yawuji Barra and the Yawuji Baía (Os Avós de Barra e os Avós de Baía) © Copyright 1991-2011 CHRYS CHRYPELLO

0. INTRODUÇÃO

0.1. O CONTINENTE-ILHA

A Austrália caracteriza-se basicamente por ser um vasto continente de 8 000 000 km quadrados de baixo-relevo orográfico, isolada, com suas terras áridas, bem diversa doutros locais do globo. O seu isolamento de outras massas de terra explica até certo ponto a sua fauna e flora, enquanto o relevo pouco pronunciado se poderá atribuir à erosão do vento, das chuvas, e do calor durante as épocas geológicas em que a massa continental esteve acima do nível médio das águas. Para muitos, a Austrália foi a última fronteira, a última das terras, por ter sido das últimas que foram “descobertas” pela civilização ocidental... Dezenas de milhar de anos antes das viagens de Abel Tasman e James Cook ao Pacífico Sul, já os aborígenes haviam coberto a distância que separa a Ásia da Austrália, tendo-se disseminado pelo continente e pela Tasmânia, enquanto não falarmos das digressões portuguesas pela área...O início daquilo a que muitos chamam a nova era civilizacional, poderá situar-se em 1788, aquando da chegada do Capitão Arthur Phillip, da Real Marinha Britânica (e comandante supremo do Almirantado Português na América do Sul), à frente da 1ª Armada, quando na época existiam cerca de 300 mil aborígenes mas não foi Cook quem deu o nome a esta terra.

0.2. FLINDERS DEU NOME À AUSTRÁLIA

Quem batizou este continente? Decerto não foram os Portugueses pois que nos seus mapas aparece ainda a designação de *Java a Grande* (*Jave, la Grande*), essa Terra Australis que eles negavam veementemente conhecer e ainda hoje se recusam a reconhecer. Durante mais de 30 anos após o histórico dia 26 de janeiro de 1788, data do desembarque da 1ª Armada, ela foi conhecida pelo seu nome em Latim, de “*Terra Australis*” com o cognome de *Incognita*, mas também era denominada como *Nova Holanda* em honra dos navegantes holandeses que durante o século XVII arribaram à inóspita e árida costa do noroeste; ou ainda *Nova Gales do Sul*, tal como a batizara o Capitão Cook para toda a metade oriental, ou ainda Terra de Van Diemen (Van Diemen's Land) nome dada à Tasmânia pelo navegador holandês daquele nome. Houve porém um homem que lhe acabaria por dar um nome único a fim de terminar com a confusão de todas estas terminologias, um oficial da armada, navegador e explorador e hidrógrafo extraordinário com o nome de Matthew Flinders. Ele e o seu colega George Bass, um cirurgião naval com quem partilhava um amor ao mar e um interesse apaixonado na exploração de lugares distantes, exploraram e mapearam em conjunto e separadamente uma grande parte da costa australiana durante os finais do século XVIII e início do século XIX. Eles estavam de tal forma embrenhados no amor ao mar, a crer num dos seus biógrafos (Robert Osbiston), que deixaram as suas noivas de três meses para partirem em mais uma viagem. Flinders não tornaria a ver a sua mulher durante nove anos, dos quais sete passados numa prisão nas Maurícias. Bass nunca mais viu a sua mulher, pois que juntamente com a sua tripulação desapareceu na vastidão do Pacífico Sul, para nunca mais serem vistos nem ouvidos.

Flinders nasceu em Lincolnshire, na Inglaterra em 1774, e não acedeu aos desejos da família para ser cirurgião, tal como seu pai, avô e bisavô. Inspirado pela obra *Robinson Crusoe* já sabia que rumo ia dar à sua vida e aos 15 anos (1789) embarca como aspirante da marinha real, tendo maravilhado os seus superiores a bordo HMS Scipio com os seus conhecimentos de geometria e de navegação, dado ser muito novo e evidentemente autodidata. Nos finais de 1790, Flinders juntou-se ao célebre Capitão Bligh (da famigerada Bounty e mais tarde Governador de Nova Gales do Sul) na sua segunda viagem ao Pacífico Sul, com o fim de transplantar fruta-pão das Índias Ocidentais.

Regressou a Inglaterra em 1793 e no ano seguinte alistou-se no HMS Reliance, então a aprestar-se em Portsmouth, para embarcar como passageiro sob o comando de John Hunter, recentemente nomeado governador da nova colónia. Foi nesse navio que conheceu George Bass. Pouco depois de chegarem, em setembro de 1795, os dois amigos fizeram-se ao mar com um miúdo como tripulante do barco Tom Thumb, um barquito com uma quilha de 8 pés (aprox 2,4 metros) e um mastro de 5 pés (1,5 metros), para fazerem descobertas ao longo da costa sul de Port Jackson. Exploraram a baía de Botany e o rio Georges, depois numa segunda viagem no "Reliance" passaram pela ilha Norfolk e mais para sul na costa pelo Lago Illawarra e Port Hacking.

0.3. FRANCESES NA AUSTRÁLIA

Não é só a descoberta portuguesa da Austrália, ou o nome de quem a batizou que são desconhecidos. Ignorado também é o facto de em 1772, o navegador francês François Saint-Allouarn ter ancorado o seu barco "Gros Ventre (Barriga Grande)" em Shark Bay (A Baía dos Tubarões), mesmo a meio da costa ocidental australiana (Nova Holanda ou *Gonneville* como os Franceses lhe chamaram), e plantando a bandeira emitiu uma "prise de possession (título de posse)" para o seu soberano rei Luís XV, enterrando uma garrafa na ilha Dirk Hartog. A reivindicação era válida. Saint-Allouarn morreu no regresso a França e Luís XV demasiado ocupado com a guerra pelas possessões Franco-Canadianas, pode não ter dado conta da reivindicação. Os Franceses planeavam ocupar as ilhas Rottneest e Garden (ao largo de Perth), também designadas como as Ilhas Napoleão, mas decidiram não manter uma fronteira comum com a Inglaterra. Napoleão apoiou uma expedição científica aos antípodas em 1800 liderada por Nicolas Baudin e a Austrália Ocidental voltou à posse de Inglaterra em 1829, assim como *Les Malouines (Falkland ou Malvinas)* o tinham sido 65 anos antes. A *Terra Australis* tornou-se assim em mais um acidente da História Anglo-Saxónica que latina.

A ligação da França e da Austrália (apesar das divergências quanto às explosões nucleares em Mururoa) persiste ainda nos nossos dias. Metade das mortes australianas nas duas Grandes Guerras foi em terras francesas, especialmente no Somme. Em 1918, o Exército Australiano (que não era parte do ANZAC) ganharam uma batalha decisiva contra os alemães em Villers-Bretonneux em 25 de abril, dia que se tornou Feriado Nacional como Dia dos ANZAC's. Existem peregrinações regulares às campas de mais de 35 mil australianos na Picardia. A cidade de Mazamet, perto de Toulouse é "mais australiana que francesa, e as suas companhias têm mais funcionários em Melbourne ou Geelong do que em Mazamet. As ruas chamam-se Melbourne, Yarra, Victoria, etc." segundo declarava Alain Serieyx que foi delegado geral da França para as celebrações do Bicentenário em 1988.

A Austrália Ocidental evoca aquilo que o país poderia ter sido com os seus nomes franceses: Esperance, Bonaparte, Bossu, Naturaliste e Vasse. O livro *"France Australe"* de Leslie Marchant (Artlook Books, Perth, 1982) dá o crédito a Binot Paulmier de Gonneville como o primeiro europeu a andar em terras austrais, em 1504.

O navio *Esperance*, sob o comando de D'Entrecasteaux, fez uma viagem em 1791 da França até à Baía Botany em busca do desaparecido La Perouse. Numa curiosa ironia do destino, La Perouse tinha-se feito à Baía de Botany em 26 de janeiro de 1788. O Governador Arthur Phillip tinha acabado de chegar com os degredados e colonos ingleses e ao vê-lo, mal teve tempo de hastear a bandeira inglesa. La Perouse é um nome importante na história australiana, pois enviou despachos e mapas das suas expedições do Pacífico, feitas a partir da Baía de Botany (na Sydney atual). O seu desaparecimento foi um mistério por mais de 39 anos.

Ainda hoje existe um monumento à sua memória numa área concedida aos franceses perpetuamente em 1825 (não era bem o que Napoleão queria, mas de qualquer modo era território legitimamente francês em Gonneville Land). Aquele subúrbio, hoje território aborígine em grande parte, manteve o nome de La Perouse, nome também dado a um Museu na Baía de Botany, inaugurado aquando do Bicentenário (1988), e partilhando um edifício onde existe um controverso Museu Aborígine. Os franceses têm registos históricos dos seus múltiplos contactos com os aborígenes australianos, e os relatórios de François Peron e do artista Charles Leuseur evocam vívidas pinturas dos Tasmanianos que eventualmente pereceram sob o genocídio "europeu".

O Conde de La Perouse, Almirante Jean François de Galaup, e as suas duas fragatas *"La Boussole"* e *"Astrolabe"* ao chegarem ao porto da Baía Botany depararam com os 11 navios da 1ª Armada do Capitão Arthur Phillip. Estabeleceram contacto e viram Phillip partir para Port Jackson. Enquanto os britânicos faziam os preparativos para a sua instalação em Sydney Cove, os cientistas e marinheiros franceses descansaram por seis semanas na Baía Botany donde partiriam, de regresso a França em 10 de março. Pouco depois as duas fragatas e os seus 230 homens desapareceram, sem deixarem rasto. O mistério permaneceu até 1827, quando o navegador irlandês Peter Dillon encontrou a naufragada *"Boussole"* a dez metros de profundidade em Vanikoro, nas ilhas Salomão. Uns anos mais tarde também ali foi descoberto o *"Astrolabe"*, que soçobrou no mesmo ciclone. Alguns relatos compilados por Dillon dão conta de que a maior parte dos naufragos foi comida por tubarões e alguns sobreviventes foram-no, mas pelos nativos que temiam que eles fossem espíritos malignos. Alguns sobreviventes demoraram entre 6 a 9 meses a construírem um barco de dois mastros, nos quais apenas dois sobreviventes terão embarcado. Os restos de uma embarcação como a descrita pelos nativos foram encontrados em 1861, perto de Mackay, no norte da Queenslândia.

Hoje, no museu de nove salas, que ostenta o nome de La Perouse, podem observar-se reproduções do primeiro encontro com os aborígenes, do encontro com o capitão Phillip; vendo-se ainda a exploração geral do pacífico depois da viagem de circumnavegação de Fernão de Magalhães e a história de La Perouse, desde o seu nascimento em Albi ao seu envolvimento na Guerra da Independência da América e a libertação dos portos de Hudson Bay das mãos dos ingleses. O Museu tem ainda relíquias da época que atestam os contactos amigáveis entre Sir Joseph Banks e La Perouse, e reproduções diversas da época.

Quando em 1984 se publicou o livro de Colin Wallace “The Lost Australia of (A Austrália Perdida de) François Peron”, imaginava-se que se iria reacender a controvérsia do século XIX sobre a nomenclatura da costa australiana: naquela época a costa meridional ostentava nomes como *Terre Napoleon*, *Golfe Bonaparte*, *Golfe Josephine*. A própria Ilha Kangaroo (Canguru) foi batizada por Nicholas Baudin como “*Iles Decres*” e a Baía Encounter (Encontro) ficou denominada assim por ter sido o ponto de encontro acordado por entre François Peron e Matthew Flinders. O interesse da França por estas paragens, de acordo com aquele livro de Colin Wallace, cresceu a partir da expedição no século XVIII de Louis de Bougainville, antes da Revolução Francesa e da Era de Terror que se lhe seguiu. Napoleão nutria um fascínio secreto pela Austrália, notável, pois enquanto preparava as guerras no continente ainda teve tempo para se dedicar a montar uma expedição científica aos antípodas.

Peron tinha qualidades de liderança notáveis, demonstradas durante a Revolução Francesa e as guerras Prussianas, tendo sido promovido a sargento antes dos 20 anos. Gravemente ferido ficou incapacitado, o que não o impediu de frequentar a escola médica da Sorbonne onde estudou ciências médicas, tendo-se oferecido para a expedição como cientista. Quando Baudin faleceu nas Maurícias, foi ele que assumiu o comando da expedição que durava há já quatro anos. Peron, em Paris, conseguiu classificar as coleções de botânica e zoologia, para além de publicar o relato da expedição, mas morreu de tuberculose aos 36 anos de idade. Uma das curiosidades deste livro é que Peron aparece como o primeiro ecologista, alertando para o perigo de extinção de plantas e animais que então considerava raros e em vias de extinção.

Outra curiosidade, aparte as considerações sobre a incompetência de Baudin como comandante de uma missão desta importância, é a de Peron ter sido o “pai da antropologia” e o seu estudo dos aborígenes em diversas partes da Austrália, assim o atesta. Ele dava-se bem e gostava deles e, muito do que hoje se sabe sobre os desaparecidos aborígenes da Tasmânia, a ele se deve. Peron é também o primeiro a ter comido carne de “wallaby (pequeno canguru)” que estava confiante poderia ser criado como animal doméstico, descrevendo a sua carne como semelhante à dos coelhos da sua terra natal. Peron morreu demasiado cedo (1810) para que a sua valiosa obra científica tivesse a consideração merecida e, em vez de termos hoje alguns nomes franceses na costa australiana, decerto teríamos muitos mais.

04. A DESCOBERTA DA AUSTRÁLIA PELOS PORTUGUESES

Desconhecida para a maioria das pessoas é a história deste país, que nas últimas décadas sofreu várias alterações concetuais. É agora aceite, pela maioria dos historiadores, que os primeiros europeus a navegarem e a traçarem cartograficamente a costa australiana não foram, ao contrário do que tem sido ensinado ao longo dos 200 anos da nação, o capitão Cook e seus correligionários, mas marinheiros portugueses que o fizeram mais de 250 anos antes daqueles. A teoria de os portugueses terem sido os primeiros, não é de agora nem sequer é nova. Com efeito, celebrou-se em 1984 o centésimo aniversário de tal teoria, defendida então pelo historiador George Collingridge, o qual, infelizmente, jamais a conseguiu provar. Depois dele, vários outros tentaram sem sucesso demonstrar a viabilidade de tal interpretação, jamais se quedando para além da especulação.

Em 1977, um advogado, Kenneth Gordon McIntyre, publicou um livro intitulado “A Descoberta Secreta da Austrália” que veio alterar totalmente este estado de coisas, passando a partir daí, a ser o ónus dos céticos de desmentirem as suas alegações.

Embora McIntyre (ver [Anexo VIII](#)) não seja um historiador na aceção académica do termo, certo é que os seus estudos passaram a ser aceites pela maioria dos académicos de todo o mundo. E, embora o autor confesse que tal publicação, umas décadas antes, era impensável, nem teria qualquer probabilidade de ser tomada em consideração, devido à questão de honra que constituía para qualquer historiador britânico assumir a descoberta da Austrália como inegavelmente devida a Cook, certo é que esse xenofobismo se esfumou desde os tempos de Collingridge. Para um dedicado estudante de Cook, conselheiro da Real Sociedade Australiana de História, também o problema da religião influenciou na refutação das teorias de Collingridge. Como católico era visto como oponente das correntes maioritárias protestantes a que o próprio Cook pertencera.

A versão de McIntyre tem consideráveis implicações na história europeia da Austrália, colocando toda a temática da primeira colonização numa perspetiva e diferente escala temporal. Significa que os portugueses atingiram Botany Bay e Sydney Heads (pontos costeiros da atual Sydney) cerca de 1524, ou seja, 40 anos antes do nascimento de Shakespeare e sete anos antes das teorias de Martinho Lutero terem atingido a luz do dia! Tal versão dá-nos também uma diferente leitura da viagem de Cook, mais próxima dos tempos atuais do que da inicial viagem dos marinheiros portugueses.

O interesse de McIntyre por Portugal deve-se a fortuito acontecimento associado à sua posição de Leitor de Literatura Inglesa na Universidade de Melbourne, quando tomando conhecimento da obra de Elizabeth Barrett Browning "*Sonetos Portugueses*", um imenso interesse o despertou para a língua e história portuguesas. Assim, em 1966, realiza a sua primeira viagem a Timor Português, que então celebrava o seu 450º aniversário de colonização lusa.

Duas coisas o impressionaram sobremodo nessa visita: primeiro, a distância relativamente curta a que Timor se encontra da Austrália (416 km por mar ou ½ hora de viagem aérea), segundo, que uma potência marítima como Portugal tivesse uma colónia tão perto do continente australiano, 254 anos antes da chegada de Cook. Poderia, então, ser possível que os experientes marinheiros portugueses, capazes de saberem lidar com todos os segredos das velas e dos barcos, que lhes permitira chegar a Timor em 1516, durante séculos nunca tivessem chegado à vasta massa continental da Austrália? (ver [Anexo V](#))

Não havia dúvidas de que a história da exploração necessitava de ser reexaminada. Assim, sem querer, estava a aproximar-se da tese de Collingridge datada de 1880. Tal como o seu antepassado, McIntyre descobriu que um antigo mapa (ver [Anexo II](#)) provava não apenas que os portugueses tinham atingido a Austrália, mas que haviam traçado 2/3 da sua costa. A sua interpretação do referido mapa provaria ser, no entanto, irrefutável, ao contrário dos esforços do seu compatriota. O mapa em questão, denominado o mapa Delfim (ver [Anexo VII](#)) por ter sido elaborado para o delfim do trono francês, data de 1536, e é o mais antigo de todos os mapas da antiga escola (e maior centro cartográfico da época) de Dieppe.

É um mapa do mundo, tal como era conhecido na época, que incluía já as ilhas do arquipélago indonésio e uma vasta massa continental, que se estendia a sul da Indonésia e a que se chamava, então, Java a Grande (*Jave la Grande*). Este era aliás, o nome que lhe havia sido dado antes por Marco Polo, designando uma vasta área de terra que se sabia existir na região. Java, a Grande, tal como aparece no mapa em

questão, tem uma vaga semelhança com a forma da Austrália atual e encontra-se a cerca de 1 500 km a oeste da real posição do continente. O mapa mostra, assim, uma distorção da verdadeira imagem do continente, devida ao facto de os portugueses da época não saberem calcular, com exatidão, a curvatura do globo e os desvios provocados pelo campo magnético terrestre. (ver [Anexo I](#))

McIntyre não foi o primeiro a descobrir este facto, mas os outros haviam-no feito sem qualquer credibilidade, enquanto ele resolveu dedicar-se a estudar com precisão o método cartográfico português utilizado há mais de 450 anos, servindo-se de um tratado da autoria do célebre matemático Pedro Nunes. Assim, habilitado com os erros da técnica utilizada, à data, pelos portugueses, foi capaz de estabelecer os desvios existentes e, eliminá-los. Para isto, serviu-se de elaborados cálculos matemáticos capazes de desafiar qualquer outra possível explicação. Os resultados eram, de facto, surpreendentes.

Depois de corrigidos os desvios, provenientes dos cálculos dos cartógrafos portugueses, o mapa Delfim (Ver [Anexo XI](#)) aparecia com uma imagem, deveras detalhada, e perfeita da costa australiana, a norte, leste e oeste. Até a larga península triangular na extremidade sudeste se encaixa perfeitamente na versão reconstruída do mapa, devendo-se isto ao efeito de preparar mapas bidimensionais, através de cortes ou segmentos do globo terrestre, os quais eram posicionados ao lado uns dos outros para se obter o efeito final, deste modo, exagerando o Cabo Howe e as suas dimensões (ver mapas reproduzidos nos [Anexo I](#)).

A versão de McIntyre para os mapas de Dieppe, baseada nos originais ali arquivados, pareceu-lhe prova suficiente de que os portugueses haviam, de facto, traçado uma larga parte da costa australiana, antes de 1536, data do mapa Delfim (ver [Anexo VII](#)). A partir daqui, começou a tentar, porém, descobrir quem teria sido o marinheiro português capaz de tal feito.

Neste campo hipotético, tudo parece apontar, como responsável único, para Cristóvão de Mendonça, capitão da Marinha Portuguesa, que partiu de Malaca, em 1521, com três naus, em busca das ilhas do Ouro, então, supostamente localizadas a sul das Índias Orientais. O mapa Delfim comprova que Mendonça (ou outro) passou pelo Estreito de Torres, virando a sul na zona do Cabo Iorque e percorreu parte da costa oriental. Dentre os locais possíveis de identificar naquele mapa aparecem o Cabo Melville, a Grande Barreira de Corais, o porto de Cooktown, a ilha Fraser e a baía de Botany. Depois de dobrar o Cabo Howe, e dirigindo-se para ocidente, Mendonça terá acompanhado o que é hoje a costa do estado de Vitória, até ao Cabo Ottway e à Baía de Phillip, quedando-se em Warrnambool, a partir de onde terá decidido não prosseguir mais além.

Existe aqui uma intrigante coincidência, pois é neste ponto onde Mendonça decidiu regressar, que mais tarde haveria de aparecer o célebre e misterioso “Mahogany Ship” (Nau de Mogno, ou madeira de caju ver [Anexo IX](#)), do qual existem cerca de 27 relatos diferentes, entre 1836 e 1880, e que depois desta data, parece ter desaparecido, de vez, das dunas de Warrnambool. De acordo com as descrições existentes tratava-se de um barco extremamente antigo e com um estilo de construção semelhante ao das caravelas portuguesas da época quinhentista. A tratar-se de uma das naus de Mendonça, poderia estar assim explicada a razão pela qual ele não prosseguiu na sua exploração da costa australiana em 1524.

A lista dos historiadores que, finalmente, se decidiram a aceitar a teoria de que os portugueses descobriram a Austrália (antes de outros europeus) vem a aumentar desde que, em 1977, McIntyre publicou o seu livro. O Prof. Geoffrey Blainey (célebre historiador) admite-o no seu livro "A Land Half Won" ("Uma Terra Meia Conquistada"). T. M. Perry, leitor de geografia da Universidade de Melbourne, no seu livro "A Descoberta da Austrália", e o Prof. Russel Ward, na sua obra "A Austrália Desde a Chegada do Homem (Australia since the coming of man)" admitem igualmente esta "descoberta" da Austrália, aceitando a tese de que a descoberta da Austrália pelos portugueses, antes de 1536, foi, "uma possibilidade, uma probabilidade, uma verdade conclusiva". Na prática, porém, o Capitão James Cook continua ainda a ser tema da descoberta da Austrália em muitos livros escolares.

Não há dúvida de que uma teoria tão radical como a de McIntyre vai demorar mais de uma geração a impor-se à burocracia educacional. Curiosamente porém, foi o estado de Vitória, de onde é natural e onde trabalhou sempre McIntyre, o primeiro a incorporar tal teoria nos livros de história oficialmente utilizados. (ver mapas 1-4 [Anexo 1](#)). Quando os portugueses aqui estiveram (Austrália) na primeira metade do século XVI, os aborígenes viviam contentes e nalgumas regiões do país haviam-se habituado a mercadejar com estrangeiros. Há provas evidentes disso com os pescadores e mercadores de Macassar, na altura uma possessão dominada pelos Portugueses, na qual havia sido adotado um dialeto crioulo derivado do Português.

O próprio Capitão Cook regista na passagem por Savu com a data de 19 de setembro de 1770, ter-se servido de Manuel Pereira, o português embarcado na "Endeavour" no Rio de Janeiro para se entender com os locais. A presença de aborígenes brancos está assinalada, assim como a presença de mestiços aborígenes com traços timorenses ou malaios, nas costas ocidental e norte da Austrália.

Para a presença dos portugueses como a História pela mão de Kenneth McIntyre parece provar, curioso será recordar uma "descoberta" em 1967: uma construção em Bittaganbee (ver [Anexo III](#)), perto de Eden, na costa sul de Nova Gales do Sul. As ruínas ainda hoje existentes atestam a presença de uma casa de pedra, com uma plataforma de 30 por 30 metros, rodeada por largos pedaços de rocha irregularmente cortadas, que em tempos serviram de paredes a tal construção, com existência de alicerces. A construção, sem teto, é feita de pedra local, e pedaços de conchas marinhas servindo de estuque. (McIntyre interroga-se "Seria isto o quartel general de inverno de Mendonça?")

Dentre as possibilidades de analisar essa construção, uma é a do enorme esforço e trabalho que a mesma terá envolvido para transportar, trabalhar e erigir a mesma, em especial dado o tamanho de algumas daquelas pedras. Esse tipo de construção só pode ter sido efetuado por uma tripulação completa de um navio da época, não podendo ser obra de um pequeno grupo de degredados ingleses ou pessoas isoladas.

O primitivismo da construção, semelhante a uma fortificação, é único na Austrália, e decerto antecede em séculos a formação da vila que só foi fundada em 1842 com materiais e fundos londrinos.

Mas, curiosamente se aquela construção aqui está fora de lugar, esta construção é semelhante a outra descoberta nas Novas Hébridas, também em 1967: a célebre "Nova Jerusalém" criada em 1606 por Pedro Fernandes Queirós, que juntamente com

Luís Vaz de Torres era português, ao comando de naus espanholas navegara por estas paragens austrais.

Um outro facto perturbador é o de existir uma data inscrita numa das pedras que 15(?)4, embora o terceiro dígito não pareça um 2, o que a localizaria na época de Mendonça. Cristóvão de Mendonça teve uma presença marcante nestas costas australianas e neozelandesas que importa desvendar. Uma das suas caravelas perdeu-se nas dunas de Warrnambool na Austrália do Sul, a segunda, provavelmente na costa neozelandesa, mas decerto a terceira conseguiu regressar a Malaca, Goa e Lisboa. Faria e Sousa regista que Mendonça efetuou uns anos mais tarde nova viagem a Goa, antes de ser nomeado Governador de Ormuz, quiçá por serviços prestados na descoberta da Austrália.

Em 1817, quando o governo da coroa britânica se mostrou interessado na Nova Zelândia, que em breve se tornaria sua colónia, o almirantado em Londres estudou os mapas ingleses da época comparando-os com a versão de La Rochette (1807). Neles existe uma anotação dessa data (1817) afirmando que embora a Nova Zelândia tenha sido descoberta por Abel Tasman em 1642, a sua costa era conhecida dos portugueses desde 1550.

Este documento ainda hoje existe nos Reais arquivos públicos de Londres. No Museu de Wellington (Nova Zelândia) existe um sino de bronze (ver [Anexo IV](#)), descoberto pelo Bispo William Colenso em 1836 e o qual estava na posse dos Maoris (aborígenes locais) que declararam tê-lo há muitas gerações. No sino existe uma inscrição em Tamil (língua indiana, o idioma da Goa de então, que era a capital oriental do Império Português). Idênticos sinos foram descobertos em Java datados do início do século XVI e todos os barcos portugueses da época transportavam consigo goeses e outros indianos, os "Lascaria" como ajudantes da tripulação.

Relativamente a este assunto, outro semelhante tem surgido nalgumas páginas da imprensa local (australiana), ou seja, o estudo da presumível descoberta da Nova Zelândia pelos portugueses, face a recentes descobertas ali efetuadas de restos de naus quinhentistas e utensílios tipicamente portugueses.

Na altura (1984), o Consulado Geral de Portugal em Sydney recebeu pedidos de colaboração para o estudo em causa, por parte de historiadores neozelandeses. Será que algo foi feito? Quase vinte anos mais tarde sabemos que nada se concretizou. ***Terão de ser sempre os estrangeiros a dizerem-nos o que descobrimos, como e quando? Haverá, em Portugal, alguém interessado em ajudar a desvendar este e outros factos gloriosos da epopeia lusa?***

O interesse existe neste continente australiano para se estabelecer a verdade histórica dos factos: será que os homens de hoje têm a vontade e capacidade de reporem Portugal no lugar a que tem direito, como país pequeno ***que deu novos mundos ao mundo***, tal como aprendi nas cábulas de ensino oficial anteriores ao 25 de abril? Ou será, que na pressa de escrevermos a história presente olvidaremos os grandes homens do passado, a quem devemos hoje esta cultura miscigenada que nos distingue? A resposta, a quem competir responder. Chegamos aqui primeiro e aqui estou eu a repetir um trajeto de antanho, projetando uma imagem do país que fomos e que gostaríamos de voltar a ser. Quando nos aproximamos dos 500 anos passados, quem chegou primeiro a estas plagas?

Depois dos aborígenes, tudo parece confirmar que foram os portugueses os primeiros europeus.

Quando, como, e em que condições? Para quando a verdadeira história dos descobrimentos, agora que a celebração dos seus 500 anos já passou à história?

*Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antártico Pólo vai da Linha,
Duma estatura quási giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais àvante o Estreito que se arreia
Co' o nome dêle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra que fica onde,
Com suas frias asas, o *Austro* a esconde.*

In Luís Vaz de Camões. Canto X, 141, Lusíadas 1572

2. OS AVÓS DE BARRA E OS AVÓS DE BAÍA

Os Avós de Barra e os Avós de Baía (em crioulo os *Yawujibarra* e os *Yawuji Baía*) eram tribos aborígenes quiçá descendentes de Portugueses, e linguisticamente a eles identificados. Trata-se de dois grupos de inter-relacionamento matrimonial numa tribo afro-australiana, falando Português e Crioulo de 1520 a 1580.

A costa do noroeste australiano (ver [Anexo VI](#)) de há muito ignorada pode ter sido a base da colonização portuguesa deste continente, de acordo com as teorias circuladas pelo filólogo e historiador Dr. Carl Georg von Brandenstein. O acesso a esta obra só foi formalmente conseguido em junho 1992, e apesar de ter sido deste autor a tradução do filólogo, a relação entre o autor e o filólogo, nem sempre foi pacífica, acabando o autor por ser responsável pela divulgação mundial da sua obra (ver [Anexo X](#)).

Note-se que Brandenstein discordou sempre e não quis autorizar o autor a juntar as suas teorias às de McIntyre num documentário histórico para o canal de televisão australiano SBS, como aqui se vê:

Dr. Carl von Brandenstein
P.O. Box 570
ALBANY WA 6330
AUSTRALIA

Mr J. Chrysa Chrystello
Portuguese News Network
and Translation Service
PO Box 731
BONDI JUNCTION NSW 2022

Dear Chrysa,

27.10.1992

thank you very much for sending me the translation of my article
THE YAWUJI-BAHA AND YAWUJI-BAIA, with more work of this kind in view
which I hope you will be inclined to accept, I should comment on your
translation at this stage of my perusal only for a few principles:

- a) Modern scientific contributions to publishers of professional, especially
linguistic periodicals or journals now expect to have main text and
notes separated (as I have done in my typescript). Quotations and titles
in these notes should be given only as supplied (i.e. should not be
translated), in the main text, however, they are often welcomed for a
better understanding of the context, as you have done a few times.
I, e.g. agree with you on your change of the title of my article, as it
is now more intelligible to the Portuguese reader.
- b) In line with most Portuguese articles in periodicals I know, the perhaps
old-fashioned tilde put over e.g. região, investigação, mão, situação,
should be maintained.
- c) Underlining of proper names should not be further distinguished by capital
or non-capital transcription; therefore Avós-de Barra and Yawuji-Barra in IV

In a few cases I altered your Portuguese text because my original text
was slightly faulty or unclear, e.g. in V iii) ...trabalhos forçados
a processar peixe (dugongue fumado)... Instead I put it this way:
trabalhos forçados a processar peixe e dugongue fumado... (as the dugong
is not a fish).

I may leave it at that for the moment. As things are, I feel I should
rewrite your text to comply with a) and b) above. This will, of course,
not be necessary next time. Remember, both of us must adjust to the
rules laid down by the publishers I am concerned with.

After all this I may finally say that I am now of the opinion, that
your text is clear and reads well and is easily understood. So I hope
for further cooperation. The next thing will be, most likely a few
letters.

Kind regards

Carl von Brandenstein
Dr phil

IMAGEM 2

Respondi-lhe que também a minha fidelidade linguística e cultural a Portugal me levavam a divulgar as suas teorias.

Voltemos pois a estas.

No século XVI, a acreditar na teoria, os portugueses ter-se-iam estabelecido na região dos montes Kimberley tendo inclusive trazido escravos africanos, os quais mantinham até 1930 um dialeto mescla de aborígene e de português crioulo. A importação de escravos teve início em 1444 pelo Infante D. Henrique e cresceu rapidamente a partir daí, mas nada há escrito ou conhecido que prove que escravos africanos terão vindo para Timor durante a primeira centena de anos de ocupação portuguesa.

Segundo von Brandenstein (um excêntrico personagem octogenário em 1990, de trato difícil e desconfiado, mas categorizado linguista e historiador) existem mais de 80 nomes de lugares que são portugueses, para além de um total de 260 palavras de origem portuguesa. Esta revelação, que inicialmente data da década de 60 mereceu em 1992, a atenção dos principais meios de comunicação social australianos, que postulavam sobre a necessidade de reescrever a história do país e datá-la em termos quinzentistas

*As descobertas em 1967, e 1989, de material linguístico Português na zona das tribos aborígenes Kariyarra (KARRIERA) e Ngarluma, que residem na região de Pilbara foram alargadas pela descoberta de uma vasta colónia portuguesa na região dos montes Kimberley. Esta abarcava uma área oeste – leste do arquipélago Buccaneer até ao vale de Fitzroy, e pelo menos, até à passagem ou travessia de Fitzroy. Crê-se que a Terra de Dampier (Dampierland), a Angra do Rei (King Sound) e a sua costa leste, desde aproximadamente Derby até à foz do rio Fitzroy, em Yeeda, foram exploradas e parcialmente colonizadas. O mesmo se diria da estrada de Broome até Yeeda, com uma vasta base de exploração “**Jaula-enga**” e uma aldeia ou povoação “**Recém Vila**”, no rio Logue ambas rodeadas de florestas de baobás.*

*A colónia durou sessenta anos, entre 1520 e 1580, podendo inclusive ter sobrevivido muito mais tempo com proprietários portugueses, de direito próprio à posse daquela estação. A preocupação principal aqui é relativa ao impacto da ocupação durante sessenta anos em relação à população aborígine. De acordo com os estudos existentes, eles não só lançam novas pistas sobre a situação linguística na região, mas revelam igualmente aspetos inesperados e híbridos numa tribo aborígine, que tem sido descrita com diferentes nomes, tais como: **Jaudjibara, Jawdjibara, Yawidjibaya**, que se supõe ter habitado as ilhas Montgomery.*

*Descrever ou dar provas de hibridismo observado por diversas vezes na região do arquipélago Buccaneer, não é solução para todos os problemas daí advenientes, dado que tal só poderia ser feito com o auxílio da antropologia, da física ou genética. Embora aquela tribo tenha deixado de existir desde 1987, pode não ser demasiado tarde para que os peritos com conhecimentos relevantes possam estudar o assunto, falando com descendentes da tribo, estudando fotografias e relatórios, tais como aqueles efetuados pelo professor J. Birdsell em meados da década de 50. Tal esforço concertado poderia atingir o veredito há muito necessário para explicar a natureza híbrida daquela tribo. No que concerne à parte linguística descobriram-se, sob detalhado estudo de nomes e outras referências, a existência de dois grupos tribais miscigenados através de laços matrimoniais: os **Yawuji Bara** (em crioulo português) ou os **Avós de Barra** (em Português) e, os **Yawuji Baia** (em crioulo português) ou os **Avós de Baía**. O primeiro nome significa Antepassados da Barra, sendo esta a existente na região envolvente das ilhas Montgomery. O segundo nome significa Antepassados de Baía, que pode ser a baía de Collier sendo Collier um anglicismo da palavra **Colher**, significando (re)colher velas para aportar.*

2.2. . Adiante se descrevem de forma breve todos os atores envolvidos nesta ocupação clandestina dos australianos montes Kimberley:

um número indeterminado de pessoal náutico da Armada Portuguesa,

- um número indeterminado de civis, dentre eles membros do clero, cientistas, artesãos e potenciais residentes ilegais,
- mais de um milhar de negros africanos, calculados pelo número de cabanas de pedra para albergar trabalhadores e escravos, ainda

existente na ilha High Cliff (Altas Escarpas). Eles eram provavelmente utilizados pelos portugueses como escravos das galés, para trabalhos forçados a processar peixe e dugongo fumado e a cortar pedra duma mina de pedras semipreciosas de Calcedónia e duma mina à superfície de minério de ferro na ilha Koolan.

A importação de escravos e as primeiras expedições portuguesas à costa noroeste africana data de 1434. A partir de 1450, a maior parte dos seus escravos veio das regiões ribeirinhas do centro e sul da costa africana ocidental, agora Guiné-Bissau. Por volta de 1500, Angola, o Cabo da Boa Esperança e Moçambique haviam sido anexados e Madagáscar descoberto, e havia também escravos retirados desta parte de África. Rapidamente, a maior parte das nações coloniais se apercebeu de que os escravos africanos eram os melhores.

Os Portugueses tentaram utilizar escravos malaios em Java, naquilo que se provou ser um grave erro, jamais repetido. Os escravos malaios tinham uma reputação de serem bastante autoritários e mandões e até mesmo de gerirem os negócios dos seus donos. Os índios americanos (ameríndios), quer do Norte, quer do Sul, tinham uma reputação de serem inúteis e perigosos. Não havia ninguém melhor do que os Negros da África Ocidental para trabalhar nas plantações de cana do açúcar no Brasil.

Em poucas décadas, mais de quatro milhões de escravos africanos foram vendidos e enviados para as Américas. Tudo parece apontar para que os escravos portugueses na Austrália fossem originários da África Ocidental, em vez da África Oriental ou Madagáscar, e existe outra pista que apoia esta versão: a existência de árvores baobá nos montes Kimberley (ver 2.8). A maior parte destes escravos africanos terá ficado quando os portugueses abandonaram a região dos Kimberley, cerca de 1580, na esperança de poderem regressar um dia. É altamente provável que, antes e depois do período de ocupação, eles se tenham miscigenado com os aborígenes das ilhas da baía Collier, e a norte desta. Durante 470 anos, as duas metades, miscigenadas através do casamento, desenvolveram-se num grupo étnico híbrido, transportando consigo os nomes de origem portuguesa, como **Avós de Barra** e **Avós de Baía**, os quais sobreviveram até aos nossos dias.

Os escravos na Austrália falavam a língua portuguesa. Os portugueses começaram as suas expedições em busca de escravos, cerca de noventa anos antes de se estabelecerem na Austrália. Por volta de 1520, os seus escravos falavam Português há duas ou três gerações.

Até 1520, os subseqüentes **Yawuji Baía** não existiram, mas os seus antepassados eram aborígenes puros, talvez relacionados por sangue e língua aos **Worrora**, vivendo lado a lado na baía de Collier e suas ilhas adjacentes, nunca a mais de vinte quilómetros da costa, que era o limite máximo das suas embarcações. Quando a armada invasora portuguesa aportou à costa dos Kimberley, ao largo da ilha Champagny (vd. 7), de acordo com planos prévios e bem organizados, acostou primeiro na ilha das Altas Escarpas (High Cliff) no grupo das ilhas Montgomery, a seguir na ponta sul da Baía, a que então deram o nome de Baía Colher ("Baía de recolher velas para aportar"). Os portugueses amigaram-se com os aborígenes locais e para ganhar a confiança destes para fins tão distintos como a pesca, a guarda costeira e expedições, forneceram-lhes canoas feitas de madeira, até então deles desconhecidas. Os portugueses chamavam a estas canoas "**nau mendi**" ou "**barcos de mendigo** (beggar ship)". Este termo permaneceu em toda a região costeira dos Kimberley como **namandi** (Crioulo) ou **namindi**. A maior mobilidade e velocidade deste tipo de embarcação e o seu mais amplo limite de ação permitiu aos aborígenes adquirirem com este meio de

navegação acesso a ilhas mais afastadas. Eles também se miscigenaram com a mão de obra africana inicialmente estacionada na ilha MacLeay (em português **Galés irá**, em crioulo **Galij irra**, ou seja o local para onde os escravos irão). Os seus locais de trabalho eram em High Cliff (Altas Escarpas) e a ilha Koolan (vd. 6.6)

Outra tribo aborígene a ter tido contacto com os portugueses terá sido a dos **Nyikina**, que vivia a sul da Angra do Rei (King Sound) e na baía de Fitzroy, até à zona de Passagem ou Travessia de Fitzroy. Para além da existência de membros destas tribos com uma aparência física diferente da raça miscigenada, parece existir pouca evidência física deste contacto. Contudo, há alguns termos importados e um deles é extremamente importante pois dá-nos a saber como a árvore baobá originária de África chegou aos Kimberley: o termo em **Nyikina largari** (baobá) dificilmente pode ser dissociado do seu étimo português [árvore] **larga**. Da mesma forma conspícua é a presença do termo **langurr** (marsupial roedor, de cauda anelar ou Ringtail Possum), conhecido pela facilidade com que é capturado, apático e lento, quando se compara tal termo com o étimo português **langor**, definido como lento ou preguiçoso. Espero que mais termos adotados por empréstimo venham a ser descobertos.

Um grupo de tribos aborígenes da Angra do Rei (King Sound) e a oeste da mesma, cujos nomes se perderam desde o impacto da invasão portuguesa, adotaram o nome global de **Jauí, Jawi ou Chowie**, todos eles sendo uma deturpação do étimo **chave**, nome bem apropriado para o novo quartel-general nas ilhas Sunday. Provavelmente, os aborígenes ali residentes foram forçados a abandonar as ilhas durante o período de ocupação, tendo regressado depois da partida da Armada. É igualmente provável que os membros do clero tentassem disseminar a fé entre os infiéis. Pelo menos sobreviveu a implantação de **inferno**, enfaticamente substituída por um padre pela exclamação **Dor quê!**, como seu sinónimo. Este étimo é ainda utilizado pelos **Jauí** e noutros idiomas da região da Angra do Rei (King Sound) e no dialeto **Ngarinyin** como **dorge**, significando inferno.

A vasta topologia e toponímia deixada pelos portugueses na região dos Kimberley provam para além de qualquer dúvida, a existência de uma vasta colónia portuguesa. Para o afirmar, as muitas instâncias em que a análise linguística dos étimos é consistente com a realidade geográfica e a possibilidade histórica. Até ao momento, apuraram-se 101 étimos de Português ou Crioulo Português. Adicionaram-se igualmente palavras isoladas, na sua maioria importadas para dialetos locais, dentre um vocabulário português que se cifra, à data, em 260 palavras. A densidade populacional portuguesa na área de colonização europeia teria de ser reduzida e isso prova, de forma evidente, que a presença portuguesa terá sido maior do que qualquer descoberta arqueológica – sem proporcionar nomes – poderia provar. Contudo, em ambos os casos, auxiliam a identificar o enigmático caso das cabanas de pedra em High Cliff (Ilha das Altas Escarpas).

Foi apenas depois da descoberta toponímica portuguesa do professor Brandenstein que houve a possibilidade de fazer pesquisas arqueológicas onde estas jamais haviam sido feitas. Refiro-me à área de Derby a Yeeda e Willare, dado que o leito do rio Fitzroy de há 470 anos é agora o rio Yeeda.

Não surpreenderá assim saber que o termo português **Ida** equivale ao termo crioulo **Yida** (significando porto de embarque ou destino, cais) e que a feitoria **Jaula-engá**, ou estação rural de Yeeda, teria sido um ponto de transbordo durante

a época dos portugueses, onde as naus poderiam carregar ou descarregar no mesmo cais - consoante as marés - em simultâneo com as barcaças fluviais. Estas, transportavam produtos agrícolas, rio abaixo e rio acima até Bruten Hill (a colina Bruten) no ribeiro Christmas, para a estação de Cherrabun e até Noonkanbah, na parte mais meridional que se podia atingir no rio Fitzroy.

A evidência para este tráfego fluvial é proporcionada, uma vez mais, pelos nomes acabados de mencionar. No português **brotem** [podem flutuar (o barco numa curva depois da colina)], é a terceira pessoa plural do conjuntivo de **brotar**. **Cherrabun** é o equivalente português de **Cheira a bom**. **Noonkanbah** era uma estação pastoril cujo passado se desconhece, mas que em 1880 era gerida pelos (irmãos) portugueses Emanuel, de acordo com E. Kolig [1987: 19]: “Surpreendentemente as histórias aborígenes falam numa fase anterior de paz e de harmonia racial. A origem desta tradição oral é algo misteriosa, carecendo ao que parece, de substanciação histórica.”

Será mesmo assim? A palavra **Noonkanbah** soa bem ao português **Nunca pá**, como grito de alívio ou desalento. Será que alguém se fartou de remar rio acima e rio abaixo? ou todos os remos de uma barcaça se foram numa manobra errada? Escusado será acrescentar que a estação de Noonkanbah se localiza no rio Fitzroy, e a 12 quilómetros para leste fica a estação pastoril de Kalyeeda. Sete quilómetros a noroeste e sete a nordeste daquela o rio Fitzroy forma duas largas curvas, em cuja margem ou flanco existe uma pista de gado onde este tem acesso à água. Este tipo de pista para o gado beber corresponde totalmente ao significado português de **Calheta**, cuja ortografia atual é **Kalyeeda**. Obtiveram-se, até ao momento, mais 22 nomes de locais habitados na região do rio Fitzroy.

Existe ainda, um último étimo, dado ser extremamente comum e ter uma importante relação geográfica para o que foi, em tempos, o proeminente porto de **Yeeda**. Atualmente, trata-se de importante ponto de paragem ou abastecimento à margem da estrada, mas **Willare** é claramente o mesmo que em Português **Vila à Ré** tal como era vista de Yeeda lá atrás, ou vista de cima.

A análise de acontecimentos históricos e condições no auge do poder colonial português, quer nas Índias Orientais ou fora delas, não pode ser tomada como sendo infalível e final. Em especial no que concerne à retirada da armada da região dos Kimberley cerca de 1580, as conjeturas podem ser reduzidas a uma pergunta alternativa: **“Terão os colonos portugueses e a sua comitiva partido com a armada, ou ficaram amigavelmente com os aborígenes locais, desenvolvendo as estações pastoris cujos nomes ainda hoje se mantêm, e quiçá talvez tenham vivido felizes para sempre, até que Alexander Forrest e os padres, Sir John e Matthew exploraram e adquiriram vastos interesses na área dos Kimberley a partir de 1879?”** Como foi dado a entender no capítulo anterior, as tradições locais aborígenes apoiam a teoria da estadia pacífica dos primeiros colonos europeus (ou seja, os Portugueses).

O cuidadoso planeamento de uma estrita invasão clandestina dos Kimberley necessitou de uma palavra de código para todos os que, como parte das suas obrigações de serviço, participaram sob promessa e juramento de não divulgação. Será importante recordar que havia um profundo relacionamento entre causa e efeito de obrigações e deveres por parte das autoridades portuguesas, e pela lealdade e obediência por parte dos seus escravos negros, fundadores da única tribo afro-australiana na História. A sua fidelidade ininterrupta durou 407 anos, entre 1580 e 1987. Esta história contém algumas deduções, as quais demonstram de forma importante os meios de que as autoridades portuguesas da época se serviram

para evitar um estado declarado de guerra com os seus competidores espanhóis nas Filipinas, enquanto simultaneamente distendiam o seu vasto Império pelos quatro cantos do mundo. A operação nos montes Kimberley deve ter sido fruto da brilhante mente de Francisco Rodrigues, o melhor estratega e planeador que à data os Portugueses tinham em Malaca. Foi ele aliás que mais tarde preparou a conquista de Macau, na China, em 1557. Para ele, era uma absoluta necessidade a invasão clandestina dos montes Kimberley. Ele estava cômico de que se os espanhóis descobrissem que os portugueses estavam a fazer um esforço de descoberta e avanço para sul ou para leste, a guerra era um facto inevitável. Isto

A fim de desencorajar explorações de descobrimento no mar de Timor e potenciais informadores aborígenes, todo o pessoal, incluindo escravos e colonos livres a bordo da armada, tiveram de jurar segredo sobre a sua identidade nacional, ou seja, as palavras Portugal e Português foram banidas do vocabulário por uma palavra de código que fosse idêntica em todos os vocabulários dos poderes coloniais que então lutavam pela supremacia. Numa mistura de orgulho e prudência a escolha recaiu em **Eufonia**, do grego clássico Euphonia, significando com boa e forte voz. Recorde-se que naquela época, a pena capital era o castigo imposto a todos os participantes na operação que violassem o juramento sagrado. Assim, a língua portuguesa oficialmente falada nos novos quartéis-gerais da armada em **Chave** (atualmente a ilha Sunday) era denominada "Eufonia". Quando os poucos aborígenes autorizados a entrar no local fizessem perguntas ficavam a saber que aquela palavra era o nome dos recém-chegados e do seu idioma. Para os aborígenes porém era difícil aprender este étimo estrangeiro Eufonia. Dada a diferente fonologia eles pronunciavam **E^ufuni'a** mantendo apenas **E**, **n**, **a**, e substituíam o estrangeiro som **u^f** por **w**, o segundo **u**, por **u**, deixando de fora a intonação forte de **i' a**, transferindo-a para o **E** inicial. Isto produzia Ewnya, ou transcrito por nós como **Ewanya**, a versão crioula do português Eufonia, sobrevivendo os últimos 470 anos, ainda no seu habitat temporário de antanho na ilha Sunday. Por um erro, perfeitamente compreensível dos sucessores dos portugueses da ilha **Chave**, o seu nome e o do seu idioma derivou para **Jaii**, do étimo português chave. Alguns Jaii admitiram considerar **Ewanya** como o nome da sua língua, mas os Jaii deixaram **Chave** (ilha Sunday) como os portugueses o haviam feito e vivem agora numa região designada "One Arm Point (Ponto de um Braço)" na região continental mais próxima. Foi desta forma que o código secreto Eufonia e o crioulo Ewanya sobreviveram, guardando o seu segredo até aos dias de hoje.

- que aconteceu aos escravos negros quando os portugueses deixaram a Austrália em 1580, por ordem do seu novo rei e inimigo, Filipe II de Espanha ficará para já no limbo das conjeturas. Existem boas razões para acreditar que os escravos foram deixados na terra onde viviam e trabalhavam há já sessenta anos. Provavelmente foi-lhes dito que tinham ainda certas obrigações para com os seus donos e ameaçados com punições e nova escravatura, se alguns deles ou seus descendentes falassem com pessoas de outros grupos étnicos, ou divulgasse o nome da sua língua e nacionalidade. Os aborígenes que não fossem de descendência afro-australiana, em especial, eram para ser tratados com desconfiança. Será lógico e realístico admitir que depois da partida dos portugueses do arquipélago Buccaneer tenha havido uma familiarização mais relaxada entre os afro-australianos, resultando numa hibridação nos seus novos locais de residência insular.

Um desenvolvimento importante das preferências linguísticas dos parceiros na nova tribo é significativo, derivando do facto de os machos africanos estabelecerem a tradição de manter o Português Puro como sua língua em todas as ocasiões. As suas parceiras aborígenes tinham apenas a lei da inércia a seu favor, contribuindo para um lento crescimento do Português Crioulo, dada a falta de habilidade dos seus parceiros aborígenes dentro da tribo em reproduzirem de forma correta a fonologia portuguesa. Isto era aceite, ou tolerado, pelos africanos dado que eles eram capazes de compreenderem, e é provável, que as crianças – em especial os varões – aprendessem Português através dos seus pais, que nem estariam interessados em aprender as línguas puras aborígenes. Assim, sob a influência africana durante um certo decurso de tempo, toda a tribo – sem mais estrangeiros com quem comunicar – se torna monolíngue, numa mescla de Português Puro e de Português Crioulo. Na parte ocidental do arquipélago Buccaneer a escolha de transmitir às gerações vindouras os nomes Portugueses em Crioulo foi mais ditada pela necessidade de ocultar a sua origem não **Yawuji**, tais como os **Jauí**, ou de europeus, como N. B. Tindale. Desta forma mantiveram os seus nomes mas não o significado dos mesmos.

Gostaria de poder discutir aqui dois casos individuais que podem explicar o comportamento dos afro-australianos **Yawuji** sob pressão para não revelarem a sua verdadeira identidade: No primeiro caso temos uma pessoa cujo Português é o seu idioma nativo e que utilizou este idioma quando, pessoas estranhas tais como antropólogos australianos, missionários ou linguistas começavam a fazer perguntas para as quais não estava preparado/a a dar uma resposta. J. Birdsell, um antropólogo norte-americano, perguntou a esta pessoa, em 1954, pelo nome real do seu dialeto e tomou nota daquilo que pensou ser um só étimo, obviamente o nome que havia utilizado para perguntar. Tal “nome” que apontou no seu livro de notas era **“Bergalgu”**. Este nome foi mencionado por N. B. Tindale em “As tribos aborígenes da Austrália [1974, 242, 268 Aboriginal Tribes of Australia]”. Entretanto em Português coloquial puro: **“Perca Algo”**, uma mescla que significa **“perca”** (1: pode perder ou, 2: peixe perca), e **“algo”** (alguma coisa) significando “uma perda qualquer” ou “uma perca pequena” ou seja, uma forma expressiva de comunicar uma meia verdade de forma evasiva. Este homem estava determinado a não deixar que Birdsell soubesse a verdade sobre a sua língua “aborígene”. De qualquer modo, manteve-se calmo, arrependido, inconspícuo e bem comportado.

Embora menos diplomática, mas de igual forma não menos determinada é a declaração espontânea que outro informador deu a H. H. J. Coate (data imprecisa), tal como citado no livro de W. McGregor “Handbook of Kimberley Languages (1988:97)”. Após ter declarado que o nome da tribo era **Yawuji Bara** acrescentou mais duas palavras, que Coate assumiu tratar-se de um nome alternativo da ilha de Montgomery. Tratava-se de um excesso temperamental da pessoa em questão. Embora a princípio parecesse e soasse tipicamente aborígene, trata-se de uma forma crioula de Português: **Winjawindjagu** (de acordo com Coate) em vez daquilo que devia ser **wynia, winjwegui!**. Isto é de facto Português **vinha, vindico**, uma forma causal consecutiva dos verbos **vir** e **vindicar**. A nasalação frequente do **n** antes do **d** em Português não pode ser repetida pelos aborígenes que falam Crioulo. Em vez disso, em Português **ngd** passa em Crioulo a ser **nyj**. A tradução deste segmento é clara: “[Como] eu vim dali e quero-o de volta”. A súbita raiva do informador aborígene ressalva da sua lembrança de ter sido detido pelos brancos em 1931 e forçado a viver no seio dos **Worrora** num campo fechado e sobrepovoado numa terra estranha. Durante toda a sua vida ele tinha aproveitado as delícias da vida, do dugongo à tartaruga, ao peixe e ao caranguejo em abundância, mas agora a sua

dieta além de lhe ser estranha era monótona. A mudança de vida, do estilo de vida marinha saudável das suas ilhas para a situação presente, das gentes da sua tribo numa reserva asquerosa em Derby ou na missão lamacenta de Mowanjum deve ter sido profunda: “Quero voltar para onde vim!” Quem seria incapaz de sentir o mesmo? Mas quer aquela personagem quer a sua tribo não teriam hipóteses de escolha, a não ser manterem-se firmes na sua decisão firme de 1580 de jamais revelarem o segredo da sua origem, frustrando tanto quanto possível os esforços e perguntas inquisitórias de estrangeiros. Estas são as virtudes imprevistas e não recompensadas de uma tribo independente e híbrida afro-australiana, descendente dos **Avós de Barra** e dos **Avós de Baía**, de língua e nacionalidade portuguesas, incapazes de respeitarem passivamente as reivindicações britânicas de duzentos anos mais tarde.

Estes atrasados comentários elegíacos dos **Yawuji Bara/Baía** podem dar lugar a variadas questões: “Porque é que os australianistas ou missionários que com eles lidaram jamais consideraram o Português como língua de origem dos seus enigmáticos idiomas?” A única exceção pertence a J. Urry e M. Walsh (1981:106) que compreenderam que algumas das palavras ouvidas por B. Ryder (1936:33), e então assumidas como Espanhol ou Latim, eram de facto Portuguesas. Mas eles negaram o relatório de Ryder, como não substanciado, declarando e, aqui cito: “Os termos portugueses se assim forem provados podem ser derivados de termos comerciais malaios”. Como obviamente estavam apenas interessados no idioma e povos de **Macassar**, foram incapazes de ver os Portugueses como os grandes colonizadores da era moderna, referindo-se a eles apenas como ubíquos negociantes algures na zona norte da Austrália. Outra pergunta que se poderia pôr é por que é que B. Ryder da Real Sociedade de Geografia de Londres sugeriu Espanhol ou Latim, em vez de Português? Por que é que J. R. B. Love que conhecia e trabalhou entre os **Yawuji** durante mais de vinte anos deixou a sua crítica nota sobre o seu idioma como sendo dialeticamente discreto? No primeiro caso, quem aconselhou as autoridades da Austrália Ocidental para que a remoção dos habitantes das ilhas Montgomery e a sua reinstalação no continente fosse um tipo desejável de ação? Por que é que eles foram obrigados a aprender uma língua estranha e difícil como a dos **Worrora** quando já detinham como sua uma língua europeia própria? Ou seria porque alguns dos seus antepassados de há mais de 470 anos poderiam ter dominado o dialeto **Worrora**? Por que não ensinar-lhes diretamente Inglês, que teria sido bem fácil, considerando as inúmeras similaridades de vocabulário entre o Inglês e Português. Depois do seu desaparecimento em 1987 qual é a utilidade de encontrar uma resposta a todas estas questões? Nem uma única qualquer que seja!

Para o caso das atividades dos portugueses na parte oriental do arquipélago Buccaneer temos o apoio de resíduos arqueológicos. Embora nunca tenham sido totalmente explorados ou avaliados (Sue O'Connor 1987:30/39; 1989:25/31), o seu total e localização são equivalentes aos dos maiores centros de atividade dos portugueses na mesma área. Nas inúmeras e dispersas ilhas da parte oriental do arquipélago Buccaneer, Sue O'Connor encontrou apenas três locais de relevância:

- na ilha MacLeay “pequenos artefactos espalhados”;
- na ilha High Cliff (Altas Escarpas) “literalmente coberta por restos de ocupação, incluindo estruturas de casas de pedra e largos artefactos espalhados”, e um “abrigo de rocha”;
- na ilha Koolan “dois abrigos de rocha”.

Dentre os vários nomes portugueses da parte oriental do arquipélago Buccaneer apenas três têm importância histórica:

- A ilha MacLeay pelo seu nome português de **Galés irá**, crioulo **Galij irra**;
- A ilha Montgomery inclusa com a ilha High Cliff (Altas Escarpas) para o seu homónimo português de seus habitantes nativos **Avós de Barra**, em crioulo **Yawuji Bara**, iniciais aliados dos Portugueses;
- A ilha Koolan cujo homónimo português é **Colham**, em crioulo **Koolan [Ko:lan]** (arrear velas aqui) que na gíria dos marinheiros significa Podemos ficar aqui!, não para ver a paisagem mas para minar à superfície o minério de ferro. Os abrigos de rocha ou pedra, atrás referidos, eram parte da área de habitação dos africanos e, as duas pequenas ilhas gémeas “As irmãs (The Sisters)” eram a sua área recreativa ou zona das suas escapadelas.

A Armada invasora portuguesa na sua incursão ao flanco sul, através da costa dos montes Kimberley, quando atingiu um grupo de ilhas a cerca de 70 quilómetros a norte do seu paradeiro inicial: ilhas Collier e Montgomery, obviamente decidira prosseguir viagem a partir daí em linha contínua. Deixou unidades singelas em posição, possivelmente anteriores manobras de reconhecimento haviam revelado que não havia nativos nas ilhas a atingir. Tudo isto pode ser deduzido de um simples nome português: o da ilha Champagny ou Champagney. Mas, aprendemo-lo com uma vingança: a forma peculiar da sua ortografia não se refere a uma forma antiquada de Inglês, mas sim à forma portuguesa de champanhe, um francesismo. Se quisermos ir mais profundamente ao segredo do champanhe francês (engarrafado?) - em 1520 numa ilha isolada ao largo da costa dos Kimberley, teremos a recompensa ao analisar o étimo aborígene que lhe foi dado. Não se trata de um termo aborígene, nem de nenhuma língua aborígene. H. H. Coate (W. J. & Lynette F. Oates 1970:47) cita **Windjarumi**, enquanto W. McGregor (1989, 1-56) cita **Winyjarrumi**.

Para facilitar a compreensão do original em Português, separe-se a palavra composta e desta forma há duas versões possíveis:

- (Crioulo) Winy(j)^u arrumi < (Português) Vinh^o arrume (O vinho deve ser guardado). Com tal leitura teríamos uma ligação com o nome das ilhas no mapa Champagny/ey = (Port.) Champanhe, derivado do étimo francês champagne.
- (Crioulo) Winyja rumi < (Português) Vinda Rume (para a queda ou sorte inesperada, devo decidir o rumo, ou partir sem ele?!)

Decerto que se trata de um caso raro em batismo nominal, em que duas palavras alternativas na sua fonologia acabem de facto por representar o mesmo significado: **“Se o armário do vinho for encerrado, a queda está iminente.”** Quer navegantes quer passageiros saberiam sobre isto. No caso presente dos três nomes supostos para o grupo de ilhas situadas na latitude sul 15° 18/19”, longitude leste 124° 14/17”, o assunto de importância real contido no nome **“Vinda Rume”** foi simultaneamente e, por uma razão bem aceitável, expresso pelo som similar mais mundano e bem-sonante de **“O vinho que tenho de armazenar em primeiro lugar”**, e isto aconteceu nas ilhas Champagney. A história destas ilhas nascida desde os anos 1520 até à sua última impressão nos mapas (1:100 000) podia ser viável apenas nas “vinhas”.

Esta teoria, que inicialmente data da década de 60 mereceu em 1992, a atenção dos principais meios de comunicação social australianos, que postulavam sobre a necessidade de reescrever a história do país e datá-la em termos quinhentistas. A revelação vai mais longe ao definitivamente identificar nomes próprios de origem portuguesa ancestral, justificando o silêncio dos portugueses com base no Tratado de Tordesilhas e, citando a existência de construções e artefactos que datam de entre 1516 a 1580, aguardando-se apenas a sua verificação científica da sua origem, de acordo com o professor von Brandenstein. Vejamos em mais detalhe esta explicação da presença dos primeiros europeus na Austrália, de acordo com as próprias palavras do professor:

A descoberta aqui revelada e documentada é um fruto do meu trabalho de pesquisa linguística, liderando uma descoberta arqueológica e prometendo futuras descobertas de arqueologia marítima. Demorou-me mais de vinte e cinco anos para percorrer os quatro estádios desta descoberta. Entre 1964 e 1967 foi a descoberta do problema linguístico, seguida do reconhecimento e identificação da evidência arqueológica em 1967 e manter a pesquisa não obstante o silêncio de descrédito imposto por colegas entre 1967 e 1976.. Finalmente, ao completar vinte e cinco anos de estudo, decidi, em 1989, tornar públicos os meus estudos. Espero que com o apoio do Museu de Marinha da Austrália Ocidental e da Real Marinha [Australiana], ou organismos privados, possam ser descobertos segredos que jazem no fundo do Oceano Índico e que nos ajudarão a descobrir a história marítima dos últimos quinhentos anos. Em 1964, assumi um trabalho de pesquisa linguística como Membro Associado do Instituto Australiano de Estudos Aborígenes na Austrália Ocidental, tendo escolhido as áreas tribais dos Ngarluma e dos seus vizinhos Karriera, juntamente com tribos mais interiores tais como os Yindjiparndi, baseado nas características peculiares dos idiomas utilizados por estes grupos. A zona ocupada por estas tribos tem uma área costeira de mais de 120 km. entre o arquipélago de Dampier e o rio de Grey, passando por uma cordilheira montanhosa chamada Hammersley. O comportamento linguístico totalmente anómalo destas tribos diz respeito a gramática e conceitos de ação verbal.

A maioria das tribos aborígenes australianas dispõe de conceitos ergativos onde a ênfase se concentra na ação verbal sobre o objeto. Contrastando com isto as tribos Ngarluma, Karriera e outras utilizam um conceito verbal europeu, com ênfase na ação nominativa do sujeito e o objeto no acusativo. Isto torna-se ainda mais interessante ao verificarmos que estas tribos utilizam a voz passiva, inexistente em qualquer outra tribo australiana. Outra peculiaridade no triângulo verbal Ngarluma-Karriera é a existência no seu vocabulário de palavras de origem Portuguesa, que já não são consideradas como palavras estrangeiras pelos contemporâneos e portanto devem ter sido adquiridas há muito tempo.

De uma lista de 60 palavras idênticas às suas versões portuguesas, selecionarei aqui apenas 16:

(P) tartaruga →(N, K) thatharuga. O termo português deriva do grego tartarouxos (do diabo), do latim tartarukus, do italiano tartaruga, do espanhol tartuga. Esta palavra foi criada dentro do simbolismo cristão. Curiosamente quer o Português, quer os dialetos Ngarluma e Karriera distinguem dois sons de "r", um rolado e outro dobrado, o que acontece em poucos idiomas no mundo. Uma das razões da aceitação de uma palavra estrangeira, pode resultar da importância ecológica da tartaruga ao longo de toda a costa do noroeste. Os portugueses e os aborígenes dependiam dela como meio de obterem comida, e elas encontram-se em inúmeras ilustrações aborígenes em rochas, desde a foz do rio de Grey até à península Burrup. Dado não haver qualquer influência italiana na Austrália de antanho a única origem possível para o termo tem de ser portuguesa.

(P)chama, →(N, K) thama, pronunciado tchama
 (P)fogo, fogueira →pugara (pron. fugara) (Y, Yindjiparndi) → puua/pughara,
 (P)cinza→(N, K, Y) tynda pron. cindza,
 (P)monte→(N, K, Y, Pnj) monta / manta,
 (P)fundo→(N, Y) punda pron. funda,
 (P)paludismo→(N) paludi significando águas paradas, pântano, poça,
 (P)mal→(N) malu, significando mal, diabo, cobra má que morde, raia
 (P)pintura→(K) pintyura significando pintura, desenho,
 (P)tardar→(N, Y) thardari, significando tornar-se lento, hesitar, demorar,
 (P)manjouro→(N, K) mandyara, manyara, manya (pron. manjiara, manja),
 significando caminho ou calha para beber ou comer,
 (P)caço, caçoila, caçarola→(N) Kadyuri pron. Caçiula
 (P)perdição→(N, K, M Manduthurnira) perdidya, perdalya, perdadya, significando
 vingança, morte secreta, combate mortal, perda mortal,
 (P)bola (esfera para jogar)→(N, K, Y) p/bula significando redonda, bola,
 (P)teto→(N, K) thatta significando o mesmo que o original em Português,
 (P)por→(N, K) puru, significando através, atrás, por trás ou sob como posição
 (oposto a preposição, ou seja utilizado após e não antes). Em Português “por teto”
 e em Ngarluma Karriera “hatta puru”, ambas com o mesmo significado.

9. AS BALAS DE CANHÃO

Existem várias balas de canhão escondidas em vastas áreas ocupadas pelos Ngarluma-Karriera-Pandjima, e embora a sua força ou valor mágico não possa aqui ser discutido por motivos óbvios, poderemos concentrar-nos no seu valor linguístico. Ngarupungku significa literalmente atirar e esmagar, embora originalmente as tribos aborígenes nada tivessem para projetar as balas de canhão, feitas de material granítico.

Uma das pessoas que me ajudava respondeu-me em Karriera-Ngarluma que as balas estavam por toda a parte, ao fundo de uma colina na ilha Depuch e que estavam lá desde tempos imemoriais, num campo sagrado, tal como citado por Robert Churnside, Roeburn em 18/9/67.

Gordon Mackay registava em 15/9/1967: “As balas foram desde tempos perdidos na memória trazidas de onde estavam junto ao mar. Todos os anciãos respeitáveis respondiam que as balas estavam todas numa certa área da ilha Depuch, que era terreno sagrado. Uma das balas que eu vi tinha 12 centímetros de diâmetro, e segundo testes recentes era de granito.”

Dada a natureza geológica da região, ou as balas faziam parte do balastro de navios ou eram de facto balas de canhão. Se eram balas, o local onde foram descobertas era o local óbvio de naufrágio de um navio. Dezenas de anos mais tarde as balas de canhão continham ferro e eram de calibre diferente das utilizadas no século XVI. Os Portugueses ocuparam Goa em 1510, Malaca em 1511 e as Malucas ou Ilhas das Especiarias em 1512. Timor foi descoberto por António de Abreu entre 1511 e 1515, sendo o enclave de Oé-cusse e a capital, Lifau, ocupados em 1516. Uma das razões para os portugueses, sempre tão secretos em assuntos marítimos, se manterem ainda mais silentes a sul das Malucas, era a de ali se situar a linha divisória da metade portuguesa e da metade espanhola do mundo.

Esta é uma das razões porque tão poucos mapas portugueses eram publicados, mas em 1529, o francês Jean Parmentier da escola cartográfica de Dieppe rumou com pilotos portugueses para Samatra onde morreria. Dois dos barcos da sua expedição regressaram e, em consequência disso dois mapas portugueses, até então desconhecidos, foram publicados com inúmeros mapas derivados desses mapas portugueses.

Já em 1957, O. H. K. Spate, publicava em Melbourne a obra “Terra Australis - cognita?”, na qual dizia que não havia dúvidas de que o Mapa Delfim, e versões posteriores tinham por origem fontes portuguesas desconhecidas, e que vários estudiosos e académicos haviam já aceiteado a hipótese de a Austrália ter sido descoberta pelos portugueses no século XVI. Num dos mapas aparece um porto, na foz de um rio, a que é dado o nome de Porto do Sul (em francês Havre de Sylla), que parece localizar-se na foz do rio Fitzroy em Vitória.

Dado o potencial marítimo dos portugueses até ao mar de Timor, deve ser assumido que qualquer nau na costa noroeste será portuguesa, e este facto torna-se mais evidente, como vimos atrás, pela herança linguística deixada. O cenário possível é o de os portugueses terem naufragado na ilha Depuch e estabelecido contacto com as tribos Ngarluma e Karriera, sem terem tido a oportunidade de construírem novo barco que lhes possibilitasse o regresso.

Eventualmente aceites pelos nativos, ter-se-iam acasamentado, daí derivando a razão de as mulheres e filhos reproduzirem termos portugueses utilizados pelos pais, as quais acabariam ao longo do tempo por permear as línguas indígenas, como atrás foi visto.

Na opinião do professor von Brandenstein “Este naufrágio terá ocorrido entre 1511 e 1520 na região da ilha Depuch.”

Cinquenta anos antes de os holandeses surgirem no oceano Índico, em 1616, 1618, 1619 e 1622 na costa ocidental da Austrália, os portugueses utilizaram a rota de Java, com pilotos indianos de Goa. O livro “História Trágico Marítima”, de Bernardo Gomes de Brito, Lisboa, 1735-1732, conta a história de uma segunda viagem à Austrália ocorrida em 1560-1561, que culminou com o naufrágio da nau São Paulo, tal como narrado pelo sobrevivente, o apotecário Henrique Dias. De acordo com este, os portugueses conheciam os ventos da região, 50 anos antes da primeira chegada dos holandeses e entre 1557 e 1558 a nau São Paulo utilizou a rota de sudoeste no regresso à Índia.

Na viagem de 1560 – 1561, a São Paulo foi mais para sul e leste, chegando até 900 milhas para ocidente da costa ocidental da Austrália antes de regressar a Samatra onde naufragou. O piloto de Goa, nesta segunda viagem tinha diretivas do rei de Portugal que parecem levar a concluir a importância desta nova rota.

Um outro aspeto socioeconómico particularmente único dos Ngarluma e Karriera é o do método de cultivo e armazenamento, que se não encontra noutras tribos. Sob a supervisão dos “líderes idosos (venerandos anciãos)” toda a tribo utiliza contentores de forma cilíndrica, da mesma altura e diâmetro, para recolher os grãos de spinifex (“Triodia sp.”). Os grãos são depois contados e esvaziados em caves secas e frescas, sendo constantemente guardados.

A sua distribuição era feita de acordo com as necessidades de justiça social, atribuindo primeiro aos mais velhos e depois aos mais jovens. Isto permitia-lhes nunca depender das faltas sazonais, criadas pela variação climática e isto penso que só poderia ter sido introduzido como um método português.

10. APÊNDICE: LISTAGEM DOS NOMES PORTUGUESES DE ILHAS E DE PONTOS GEOGRÁFICOS

A fim de ilustrar os nomes dados pelos Portugueses às novas terras pátrias dos grupos tribais afro-australianos em **Avós de Barra** e **Avós de Baía**, no arquipélago Buccaneer, elaborou-se por ordem alfabética a seguinte lista de trinta nomes de ilhas e de pontos geográficos, dados em Português (**Port.**), Crioulo (**Creo**), tradução para Inglês (**Et.**) e nomenclatura inglesa (**Em**):

(Port.)	Ambí(guo) (e)streiro	→ (Creo) Yambi
(Et.)	Ambiguous Strait = Yampi Sound (vários acessos e saídas)	
(Port.)	Baía (ver Baía Colher e Ilhas de Baía)	
(Et.)	Bay (vd. Collier Bay Is. e Collier Bay)	
(Port.)	Baía segura	→ (Creo) ?
(Et.)	Secure Bay	(Em) Secure Bay
(Port.)	Baía Maior ideei	→ (Creo) Baia Myridi
(Et.)	(The) Bay I thought (to be) larger	(Em.) Myridi Bay
(Port.)	Barra (Ilhas da Barra)	→ (Creo) Bara
(Et.)	bar, Breakwater, Reef	(Em.) Montgomery Is., Breakwater
(Port.)	Bi lanchar	→ (Creo) Bila:nya ver Bilha unha (Port.)
(Et.)	Twin Launch	(Em.) Cockatoo Is.
(Port.)	Bilha Foliam	→ (Creo) Bilya Wuliam
(Et.)	Twin island (where) they fool around =	(Em.) The Sisters, 3 km. east of Koolan Is.
(Port.)	Ilha Colham	→ (Creo) Ilya Ko:lan
(Et.)	island where they should strike sails	(Em.) Koolan Is.
(Port.)	Ilha de Ciciar	→ (Creo) Cissiarr ?
(Et.)	island of Whispering =	(Em.) Cæsar Is. (18 km. NW das ilhas Koolan).
(Port.)	Bilha unha	→ (Creo) Bila:nya (ver Bi lanchar)
(Et.)	Twin Is. holding fast =	(Em.) Cockatoo Is.
(Port.)	Ilha costeam	→ (Creo) Ilya Kutjun
(Et.)	(The) island they can coast along by =	(Em.) Rankin Is. até às ilhas da Baía a 400 m. da costa.
(Port.)	Galés irá	→ (Creo) Galij irra
(Et.)	(Island where) the slaves will go =	(Em.) MacLeay Is.
(Port.)	Ilha Meloa mais	→ (Creo) Melomys
(Et.)	(Island where) mostly round melons (are) =	(Em.) Melomys Is. para as ilhas da Baía >(Em.) Wood Is.
(Port.)	Ilha Mel o Mais	→ (Creo) Melomys
(Et.)	(Island) most (of which) is honey =	(Em.) Melomys Is., Woods Is.

(Port.) **Nu Monstro** → (Creo) Numuntju
(Et.) Naked Monster - uma rocha no farol da ilha Cafarelli.

É possível que o nome "Naked Monster" seja moderno e dado pelos **Yawuji Bara** antes de 1931. À falta de melhor comprovativo uma pedra de aspeto e formato peculiar poderá ter levado os portugueses a denominar de Ilha do Nu Monstro.

(Port.) **Ilha do Pó Doido** → (Creo) Pudu:du
(Et.) island of the Painful Dust = (Em.) Bathurst Is.

(Port.) **Ilha Sítio Lancha** → (Creo) Tjitulanj
(Et.) island site of a launch (Em.) Gibbings Is. no canal Goose.

(Port.) **Ilha Travessa** → (Creo) I'lya trrawetja ?
(Et.) Contrary Winds Is. (Em.) Traverse Is. as ilhas da Baía.

(Port.) **Ilha Vão Ganir** → (Creo) Wanga'ni:
(Et.) (Island) where you shall howl in vain = (Em.) Irvine Is. a mais próxima a este de Cockatoo Is.

(Port.) **Ilha Vinhei** (imperativo dialético obsoleto)
(Port.) **Ilha Venhi!** (imperativo plural) → (Creo) ?
(Et.) Come Back (to this island) (Em.) Viney Is. às ilhas de Baía.

(Port.) **Ilhas de Baía** → (Creo) I'lyaji Baia
(Et.) Islands of (Collier) Bay (Em.) Collier Bay Is.

(Port.) **Ilhas de Barra** → (Creo) I'lyaji Bara
(Et.) Islands of the Bar/Breakwater/Reef (Em.) Montgomery Is.

(Port.) **Ilhas de Carnagem** → (Creo) Gar'rrena:t
(Et.) Islands of Bloodshed / Meat provisions = (Em.) Bedford Is.

(Port.) **O Canal** → (Creo) Canal ?
(Et.) The Canal = (Em.) The Canal, lado sul da ilha Koolan.

(Port.) **Onda Maranhã** → (Creo) Unda Marra
(Et.) Wave (flood) turbulence = (Em.) Foam Passage, NW da Baía de Collier.

(Port.) **Ponta Nariz** → (Creo) Punta Nares
(Et.) Point Nose = (Em.) Nares Point, SW da ilha Koolan na Angra de Yampi.

(Port.) **Varar** → (Creo) Wa'rar tb utilizado em Wunambal
(Et.) To run her aground (ship) = (Em.) a noroeste e norte de Kimberley

(Port.) **Vago** → (Creo) Wa:ko [N.B. Tindale 1974:146 mapa]
(Et.) Empty, unoccupied = (Em.) um vasto espaço vazio a cerca de 6 km da Angra de Yampi no continente, assinalado por N. B. Tindale com um ponto.

Sugiro que ele não tenha compreendido a mensagem do seu informador de fala crioula **Yawuji Bara**, que apenas queria informá-lo que nada havia para buscar. A má interpretação de Tindale de Wa:ko como nome de lugar, marcado com um ponto no mapa, demonstra a existência de um povo com nome português utilizado pelos Yawuji na época contemporânea.

(Port.) **Vista Encare** → (Creo) Widzh inka'rri
(Et.) I/He should keep the view (from here) under strict observation! (Eu/Ele deve manter-se em vigia (daqui)

Quererá isto dizer de Freshwater Cove, no continente, até sudoeste em High Cliff (Altas Escarpas) e para o mar, ou ao contrário de High Cliff Is. para noroeste em Freshwater Cove? De qualquer forma, o nome demonstra o papel desempenhado pelos **Yawuji** para os Portugueses. Sue O'Connor dá o nome crioulo de **Widgingarri**, mas o nome em português **Vista Encare**

[pronunciado Vishtaencarre] é bem significativo. Ela localiza-o em Freshwater Cove, a 13 km. das ilhas High Cliff (Altas Escarpas).

11. NOTAS FINAIS

Seria desejável acrescentar aqui, outra lista com as regras da conversão fonética de Português Puro para Português Crioulo. A razão pela qual a mesma não é incluída baseia-se na vasta gama de palavras de diferentes regiões, que será necessário subdividir - mais tarde ou mais cedo - sob o nome de Crioulo Português. Pode acontecer que o Crioulo de origem afro-australiana aborígine difira entre o grupo **Javi** através do vocabulário que eles tomaram de empréstimo. Seria extremamente difícil definir tais variações em função da origem tribal.

*Como exemplo, pode citar-se uma área localizada entre a cordilheira Óscar e o rio Fitzroy onde se falava **Punaba**. O nome desta área é mantido pelos aborígenes como **Mowanban**, que é assumido como um nome Punaba. Admitindo contudo que esta região foi sempre uma via de tráfego importante para todos os movimentos de aborígenes ou recém-chegados até às duas últimas décadas do século passado (século XIX), será importante lembrar o avanço dado pelos colonos portugueses de 1520 e depois de 1580 nesta área. **Mowanban** não era uma palavra **Punaba**, mas Português Puro **Movam ban**^e, uma ordem significando "se eles se moverem ou ficarem impacientes vejam-se livres deles." É exatamente disto que os poucos contemporâneos Punaba se queixam, com exceção de um pequeno detalhe: desde metade do século passado até metade deste século (o último caso aconteceu em 1940, de acordo com E. Kolig 1987:17) "**a polícia do homem branco e os seus "guias" mataram-nos.**"*

*Os portugueses que ali ficaram tinham-se visto livres deles [**Punaba**]. Este é um caso típico de uma palavra obtida por empréstimo de outra língua que pode trazer à mente – aparte o valor histórico – a necessidade de fazer uma mais detalhada busca linguística de Português na região dos Kimberley.*

Limitaram-se aqui todas as explicações ao problema dos afro-australianos da tribo **Yawuji**, ou seja, os **Antepassados da Barra e da Baía** num período de 470 anos. Espero que para fazer o mesmo para o vale do rio Fitzroy e áreas adjacentes, em especial se se tiver o apoio de arqueólogos demore bastante mais, mas poderá inclusive proporcionar resultados mais positivos e quiçá menos trágicos.

Falta agora apenas quem possa fazê-lo e seguir as pisadas do professor von Brandenstein. O desafio aqui fica, a herança portuguesa dos **AVÓS DE BARRA e AVÓS DE BAÍA** assim o exige de todos nós para que a História seja reescrita em toda a sua plenitude e os nossos vindouros saibam.

Desde há mais de 25 anos que tento divulgar estas teorias que deveriam encher de orgulho e justificado interesse em aprofundar tais estudos, todos os que se interessam pela língua, cultura e história portuguesas mas apenas escutei o silêncio cúmplice dos que se sentem culpados do Tratado de Tordesilhas ter sido violado. Recordemos que até 1832 a Inglaterra não reconheceu como suas as possessões da Austrália Ocidental aguardando que Portugal as reclamasse. Quem sabe se hoje não teríamos metade deste enorme continente a falar Português? Decerto que muitos dos cerca de um milhão de aborígenes poderiam não ter sido exterminados como foram e a Austrália poderia ser mais multirracial do que é. Este era o tema do tal documentário ficcionado que apresentei à televisão SBS e à ABC. Ambas as teses aqui delineadas hoje deviam constar dos programas curriculares portugueses como já constam de muitos dos programas australianos.

Imagem 6: o MAPA Delfim 1536: The Portuguese Discovery of Australia Kenneth McIntyre



Imagem 13 A região dos Kimberley onde von Brandenstein coloca as tribos

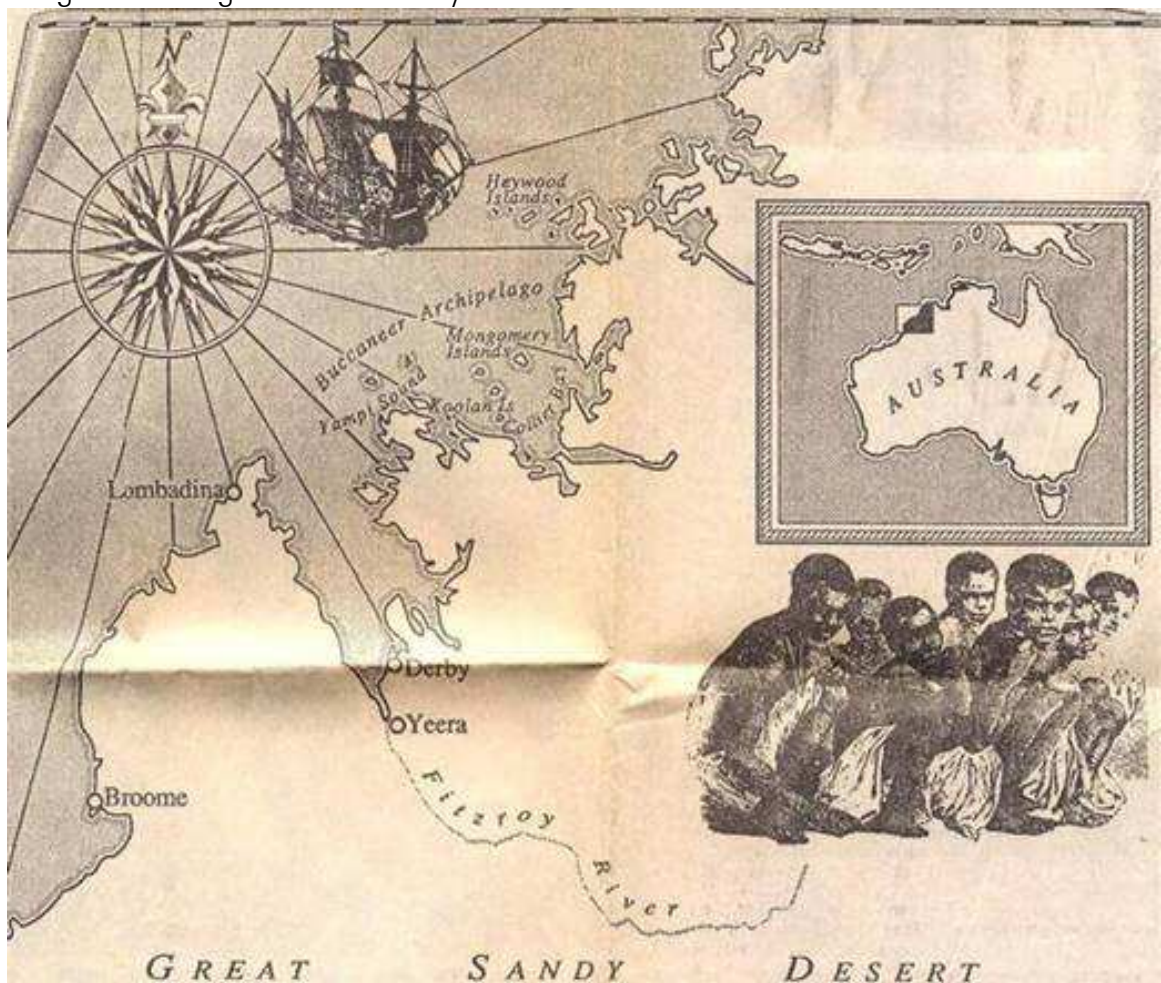


Imagem 11 Ruínas Nova Gales do Sul (The Portuguese Discovery of Austrália, K. McIntyre)

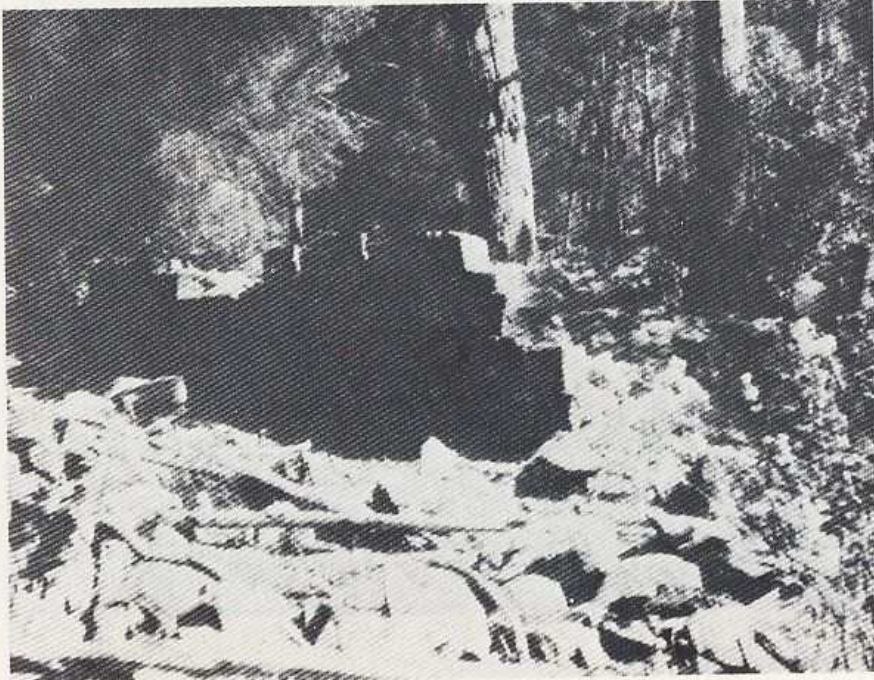


PLATE II The ruins at BITTANGABEE BAY, New South Wales consist of roofless walls made of local stone, rubble and seashell mortar, and might well be the remains of a 16th-century Portuguese fort. Was this the winter headquarters of Mendonça in 1524?

Imagem 9 Canhão Português do séc. XVI Austrália Ocidental (The Portuguese Discovery of Australia. Kenneth McIntyre)

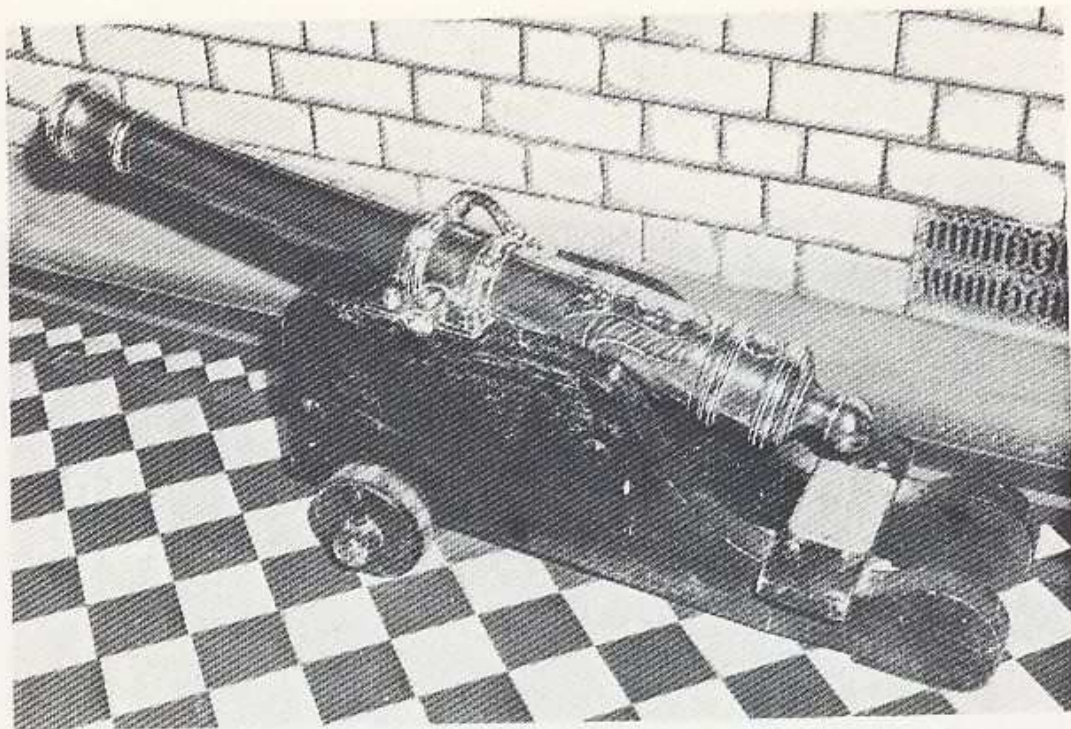


PLATE I Portuguese Cannon, found at Carronade Island, Western Australia.

Imagem 15 Java a Grande ou Austrália? (The Portuguese Discovery of Australia, Kenneth McIntyre)

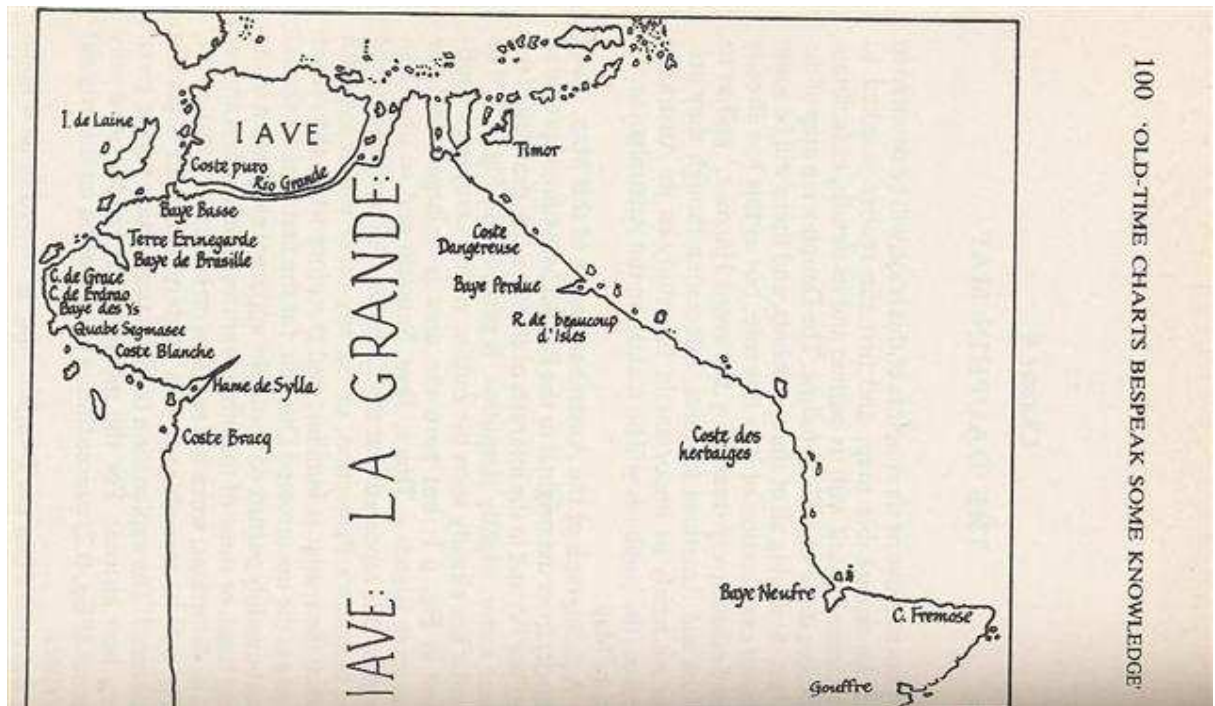


Imagem 23: (Mapa Delfim pormenor (The Portuguese Discovery of Australia, Kenneth McIntyre)

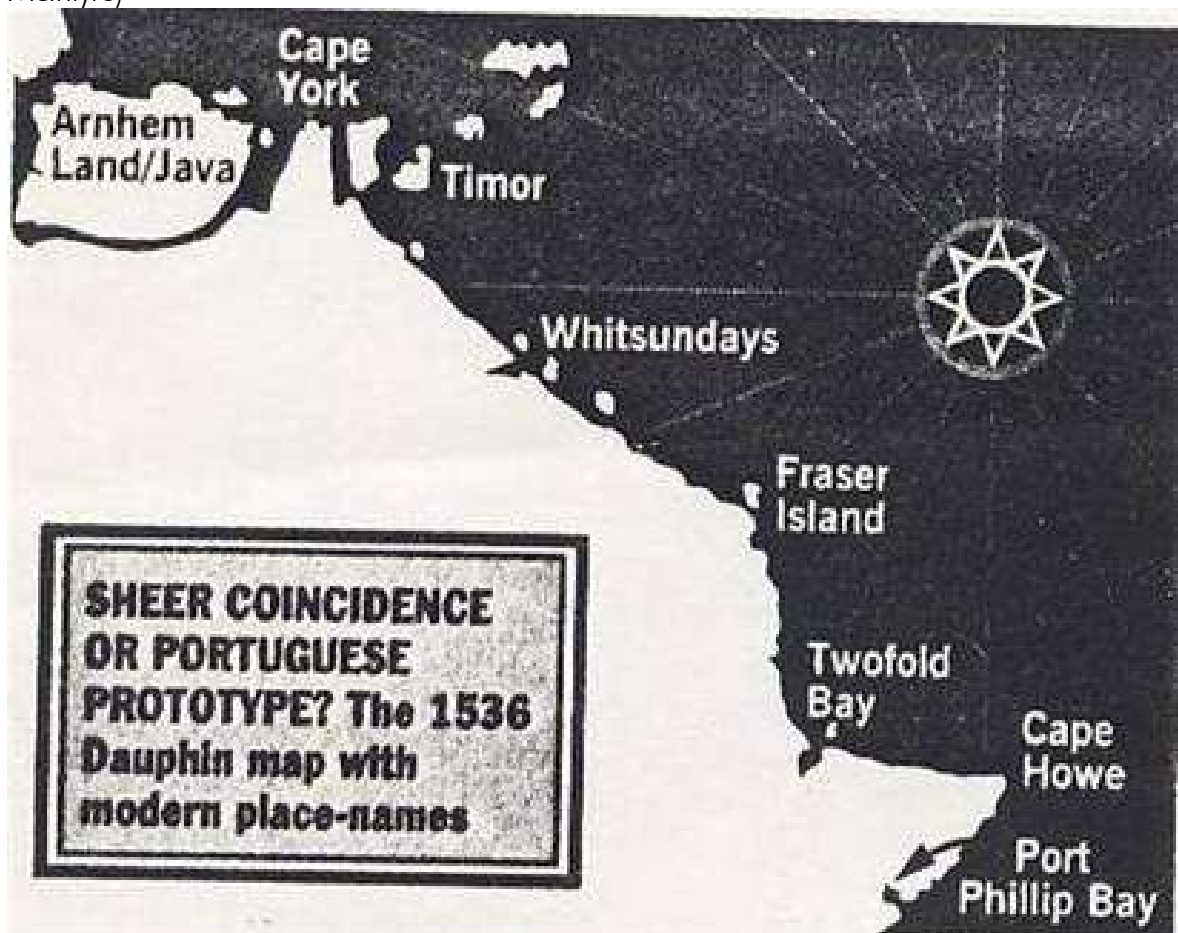


Imagem 17 Kenneth McIntyre foto da TIME 20 Dec 1992

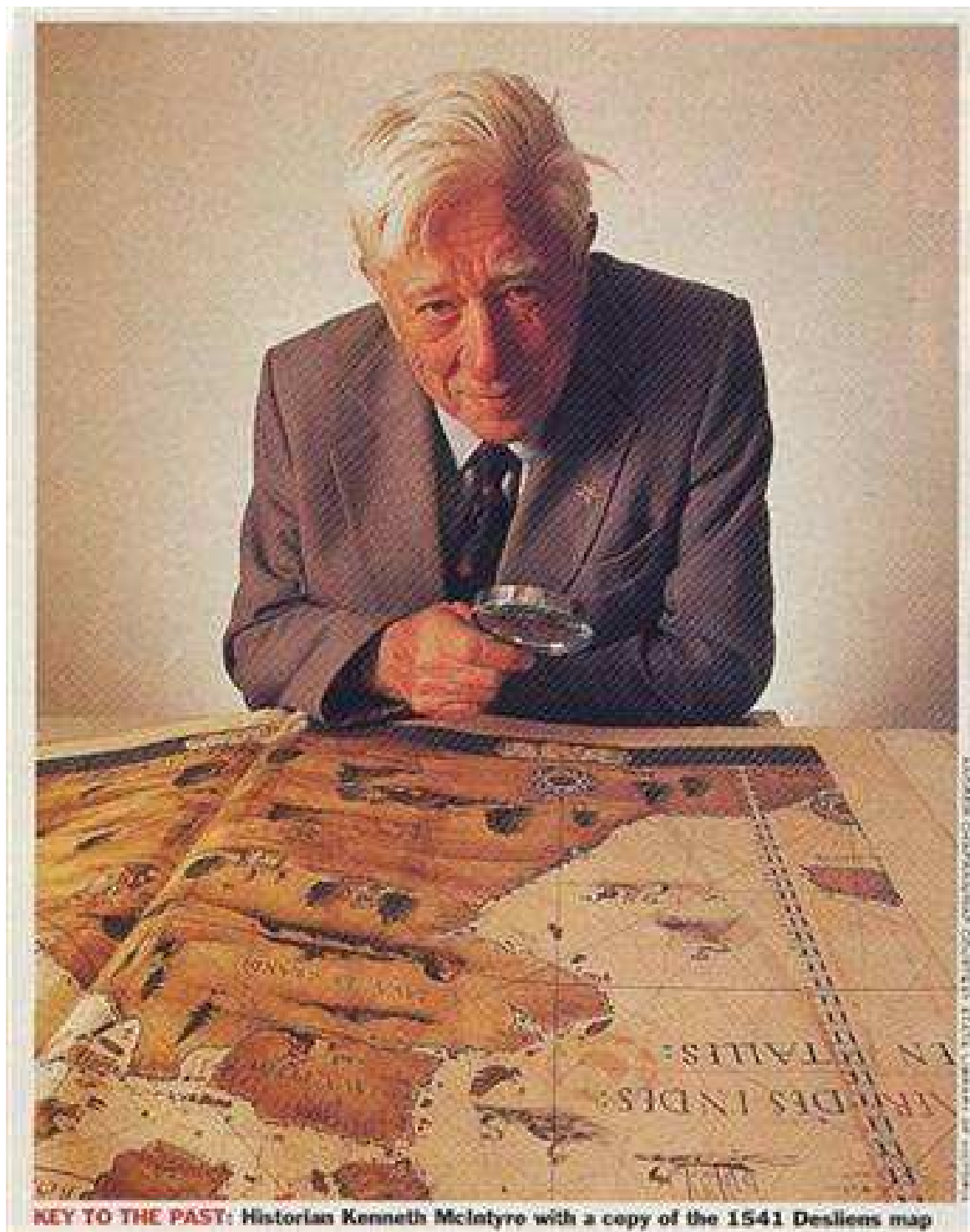


Imagem 4 A Austrália em 1536 de acordo com McIntyre, *The Australian*, 27 March 1992)

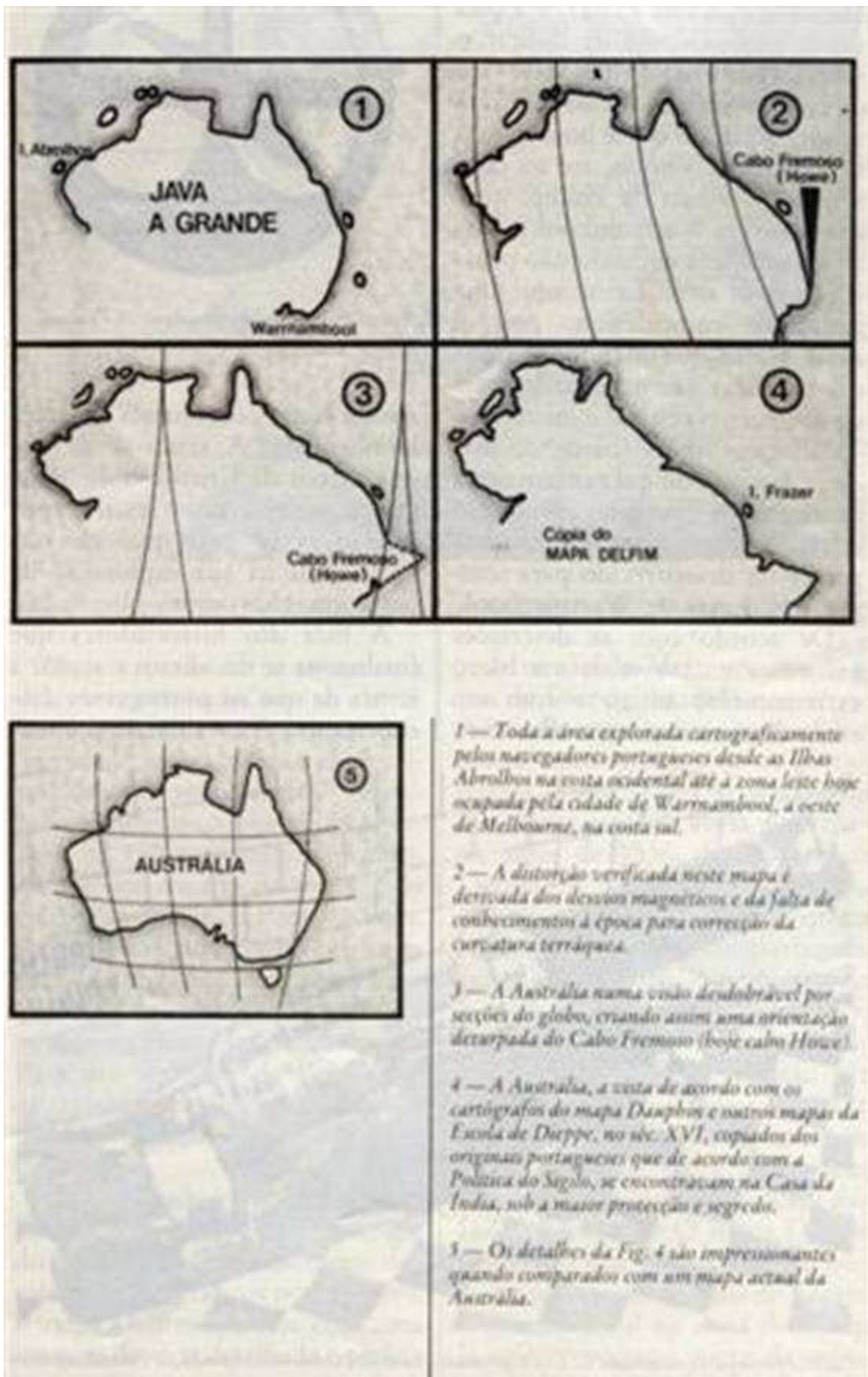


Imagem 5 Carta de Carl Georg von Brandenstein ao autor

Dr. Carl von Brandenstein
P.O. Box 370
ALBANY WA 6330
AUSTRALIA

Mr J. Chrya Chrystelle
Portuguese News Network
and Translation Service
PO Box 731
BONDI JUNCTION NSW 2022

Dear Chrya,

27.10.1992

thank you very much for sending me the translation of my article
TRE YAUUJI-BABA AND YAUUJI-BAIA. With more work of this kind in view
which I hope you will be inclined to accept, I should comment on your
translation at this stage of my perusal only for a few principles:

- a) Modern scientific contributions to publishers of professional, especially
linguistic periodicals or journals now expect to have main text and
notes separated (as I have done in my typescript). Quotations and titles
in these notes should be given only as supplied (i.e. should not be
translated), in the main text, however, they are often welcomed for a
better understanding of the context, as you have done a few times.
I, e.g. agree with you on your change of the title of my article, as it
is now more intelligible to the Portuguese reader.
- b) In line with most Portuguese articles in periodicals I know, the perhaps
old-fashioned tilde put over e.g. região, investigação, não, situação,
should be maintained.
- c) Underlining of proper names should not be further distinguished by capital
or non-capital transcription; therefore Avda-de Barra and Yauuji-Barra in IV

In a few cases I altered your Portuguese text because my original text
was slightly faulty or unclear, e.g. in V ill) ...trabalhos forçados
a processar peixe (dugongue fumado)... Instead I put it this way:
trabalhos forçados a processar peixe e dugongue fumado... (as the dugong
is not a fish).

I may leave it at that for the moment. As things are, I feel I should
rewrite your text to comply with a) and b) above. This will, of course,
not be necessary next time. Remember, both of us must adjust to the
rules laid down by the publishers I am concerned with.

After all this I may finally say that I am now of the opinion, that
your text is clear and reads well and is easily understood. So I hope
for further cooperation. The next thing will be, most likely a few
letters.

Kind regards

Carl von Brandenstein

Dr phil

© TRABALHO COMPLETO 1984-2005

Bibliografia:

1. Robert Osbiston, jornal Sydney Morning Herald, 19 NOV.º 1988
2. Biblioteca Mitchell, Sydney
3. Royal Australian Historic Society
4. Australian Dictionary of National Biography,
5. New Universal Encyclopedia
6. The Story of Australia (A História da Austrália) A. G. I. Shaw ed. Faber & Faber
7. Frank Bren, The Bulletin, janeiro, 1988
8. Hal Colebatch, The Bulletin, novembro, 1987
9. Carol Henty, The Bulletin, dezembro, 1987
10. John Stackhouse, The Bulletin, julho, 1984
11. Denis Reinhardt, The Bulletin, novembro, 1985
12. Leslie Marchant, France Australe, Artlook Books, Perth, 1982
13. Colin Wallace, The Lost Australia (A Austrália Perdida de) François Peron, Nottingham Court Press.
14. Kenneth Gordon McIntyre "The Secret Discovery of Australia (Descoberta Secreta da Austrália)", Souvenir Press, S.A., Austrália

15. Phillip Derriman, "The Sydney Morning Herald", Sydney, edição de 30 julho 1983
16. W. A. R. Richardson, "Camões, Vasco da Gama, Portugal & Australia", Flinders University of South Australia, 81
17. Brandenstein, C. G. von 1967 A situação linguística na região de Pilbara - passada e presente. Pacific Linguistics, Papers in Australian Linguistics #2, Série A, Occasional Papers #11, Camberra, páginas 1 a 20 a.
18. Brandenstein, Carl G. von 1989 Os primeiros Europeus a chegarem à costa ocidental da Austrália (The First Europeans on Australia's West Coast), Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau #3, páginas 169 - 188,
19. 1989 The First Europeans on Australia's West Coast, Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau #3, páginas 189 - 206.
20. Derriman, Philip 1990 Why Western Australia's Aborigines are speaking Portuguese (Porque é que os Aborígenes da Austrália Ocidental estão a falar Português), jornal Sydney Morning Herald, 30 julho 1990.
21. Derriman, Philip 1992 Creole echoes from our Past (Ecos Crioulos do nosso passado), Sydney Morning Herald, 9 maio 1992.
22. Birdsell, Joseph B. 1954, M S Field Notes (na posse de J. B. B.)
23. Birdsell, Joseph B. 1954, M S Field Notes (na posse de J. B. B.)
24. Reader's Digest 1988, Illustrated History of South Africa - The real story. About the Malays página 50 (História Ilustrada da África do Sul - A História Real. Notas sobre os Malaios.
25. Coate, H. H. J. 1966, The Rai and the Third Eye - north west Australian beliefs (O Rai e o olho do meio - crenças do noroeste australiano), publicado em Oceania, 37,2:93 - 123, dorge páginas 103 - 104 texto 1.328 sq.
26. Fernandez-Armesto, Felipe 1991, Atlas of World Exploration (Atlas das Descobertas no Mundo), The Times, Times Books, página 146 (Sobre as atividades de Rodrigues)..[N. do T.: 1520].
27. Tindale, Norman B. 1974, Aboriginal Tribes of Australia (Tribos aborígenes da Austrália), p 241 Djavi.
28. Urry, James e Walsh, Michael 1981, A língua perdida de Macassar da Austrália do Norte (The lost Macassar language of Northern Australia), Aboriginal History (História Aborígene) vol. 5, 1-2:91-108.
29. Ryder, Bernard C. 1936, A vida selvagem no extremo noroeste (Wild Life in the far North West), Walkabout, janeiro, 1, p. 32 e 33.
30. Love, J. R. B. 1936, Os homens do mato da Idade da Pedra hoje: vida e aventura entre uma tribo de selvagens na Austrália do Noroeste (Stone Age Bushmen of Today: Life and Adventure among a Tribe of Savages in North Western Australia), Blakie, Londres. [Curiosamente não citado por Norman B. Tindale em Tribos Aborígenes da Austrália, 1974].
31. Tindale, Norman B. 1974 Tribos Aborígenes da Austrália, University of California Press, página 153 Os marinheiros Wunambal ... visitando os corais e dunas desde Long Reef chamavam a estes " Warar ".
32. Faria y Sousa, E. de – Ásia Portuguesa, Porto, 1590-1607, traduzido para Inglês por J. Stevens, 1694, Londres.
33. Kolig, E. 1987, The Noonkanbah Story, University of Otago Press, Dunedin, Nova Zelândia página 17.
34. Artigos resumidos originalmente publicados na revista Nam Van, Macau, #4 de 1 de setembro de 1984, na revista "Macau", #10 de abril de 1988, Chrys Chrystello. Este trabalho segue trabalhos do Prof. Dr. Carl von Brandenstein. Ao texto base, revisto, editado e compilado, foram acrescentadas, anotações, dados de pesquisa e investigação e explicações descritivas

Nota do Autor: Kenneth Gordon McIntyre, OBE, MA, LL. B (Melb), Comendador da Ordem do Infante, nasceu em Geelong, nos arredores de Melbourne, estado de Vitória, sendo Leitor de Literatura Inglesa na Universidade de Melbourne, entre 1931 e 1945, tendo-se dedicado, a partir daí, a uma bem sucedida prática de advocacia, sendo Assessor do Governo em assuntos legais, e Presidente da Câmara Municipal de Box Hill. Sempre interessado na Língua e Literatura Portuguesas, dedicou a sua reforma ao estudo de antigos documentos portugueses. O primeiro resultado deste labor foi "A Descoberta Secreta da Austrália" publicado pela Souvenir Press, 1977, no qual prova que os primeiros europeus a descobrirem a Austrália haviam sido os Portugueses no século XVI e não o Capitão Cook que apenas atracou em 1770. Graças a este livro o General Ramalho Eanes (Presidente Português) concedeu-lhe a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, o navegador.

N.A.: "Português" ou "Português Puro" significa neste contexto a língua praticada em pleno século XVI, com a ortografia moderna adotada (desde 1947). *Crioulo Português* é a língua portuguesa, léxica e gramaticalmente Português Puro mas falada, isto é, pronunciada e acentuada de acordo com a fonologia aborígene.

N.A. O spinifex é um arbusto nativo, tipo relva com espinhas aceradas, que só se encontra em certas regiões da Austrália e que pode chegar a atingir dois metros de altura.

N. do T.: Outras palavras de origem portuguesa são BARRADA, CABRA MARRA, BARRIL, CUCA BARRA, LOMBADINHA, CURA, CULINA, CULUNA, BARANDA, BINGARA

Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico